

Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 2018

39

Jornal Psicologia em Foco®



**A função psicológica
e política dos mitos**
10 e 11 sessão especial

Entrevista com Marcus Rio Teixeira
4 e 5 entrevista

**Arte, literatura e movimentos sociais
como forma de empoderamento para
o feminismo negro**
9 social



Edição Nº 39
Set, Out, Nov
e Dez de 2018

COORDENAÇÃO

Vinicius Romagnolli R. Gomes (CRP 08/16521)

JORNALISTA

Suelen Albuquerque (MTB 8792/PR)

REDAÇÃO

João Henrique Piva Boeira, Ana Gabriela Monteschio, Eduardo Chierrito (CRP 08/22624), Emily Albuquerque (CRP 08/24208), Laura Christofolletti (CRP 12/16691), Gabriela Romagnolli, Marcos Paulo Shiozaki (CRP 08/23463), Toni Trentinalha (CRP 08/26248), Luciano Biondi, Gabriel Arndt, Lauren Stephani Soares de Carvalho, Letícia Cabral Gonçalves Lopes, Cícero Félix (CRP 08/24633), Gabriela Cristófoli Pereira (CRP 08/26144), Thaynara Felipe (CRP 08/23925)

REVISÃO

Gabriela Romagnolli, Gabriela Cristófoli Pereira (CRP 08/26144), Letícia Cabral Gonçalves Lopes

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Vermelho Panda Design

DIVULGAÇÃO

Eduardo Chierrito (CRP 08/22624), Francieli Ferri, Thaynara Felipe (CRP 08/23925)

IMPRESSÃO

Gráfica O Diário

TIRAGEM

1600 exemplares

ENTRE EM NOSSO FACEBOOK PARA ACESSAR CONTEÚDOS EXCLUSIVOS

facebook.com/psicologiaemfocoinstituato

PUBLIQUE SEU ARTIGO

enviando um e-mail para redacaojpf@gmail.com

ou entre em nosso site para maiores informações institutopsicologiaemfoco.com.br

EDITORIAL

Tempo de perplexidade

Caríssim@s, o JPF chega à sua última edição em 2018 após um período eleitoral marcado por ódio, descrença e certo niilismo. Num ano em que falamos sobre a importância da mitologia e da literatura, enquanto narrativas que nos auxiliam a ampliar o domínio simbólico sobre aquilo que nos escapa, nos deparamos com a perda da fé nas narrativas tradicionais que anteriormente conferiam algum sentido à existência. E agora? O que vem em seguida? O historiador Yuval Noah Harari recomenda que o primeiro passo é baixarmos o tom das profecias apocalípticas, passando de uma postura de pânico (tão bem analisada por Freud em Psicologia das massas) para uma de perplexidade. Harari argumenta que o pânico é uma forma de prepotência na medida que deriva da sensação de que só eu sei o rumo para o qual o mundo está se dirigindo, enquanto a perplexidade seria mais humilde ao admitir que não compreendemos tudo o que está acontecendo ao nosso redor. Isso não significa que devemos nos resignar e aceitar sem crítica as injunções perversas que se desenham no horizonte, mas que resgatemos nossa capacidade de espanto com as coisas (Aristóteles considerava o espanto condição imprescindível para a filosofia). Pessoas obcecadas pelo medo de entrar numa

“era de escuridão” têm, segundo Mark Lilla, uma “mente naufragada” movida pela nostalgia de uma “Era de Ouro perdida” que precisa ser resgatada; o autor argumenta que a nostalgia pode ser uma fonte de motivação política mais poderosa que a esperança, pois esta pode ser desiludida, enquanto aquela seria irrefutável. A nostalgia política refletiria assim um pensamento mágico sobre a história, como se o nostálgico não soubesse ao certo como conceber o futuro ou agir no presente, voltando-se para saídas anacrônicas. Lilla compara esse sujeito contemporâneo a personagem Dom Quixote de Miguel de Cervantes que bradava “Feliz a época e felizes os tempos chamados de ouro pelos antigos”; vemos assim a figura melancólica de Quixote que se rebela contra a natureza do tempo, irreversível e indômita. Ao longo desse ano, nossos esforços no Instituto Psicologia em Foco foram na direção de construir diálogos e sentidos, afinal o sentido não é um valor inerente a própria vida, mas é uma construção discursiva que nunca é individual e cujo alcance simbólico reside justamente no fato de ser coletiva e ter seus efeitos inscritos na cultura, como aponta Maria Rita Kehl. Seguimos apostando nesse trabalho com esperança, pensamento e perplexidade. ■



Vinicius Romagnolli R. Gomes

Psicólogo clínico (CRP 08/16521), historiador e professor universitário. Doutorando em psicologia pela UNESP.

Conheça a equipe do JPF!



Promovemos experiências transformadoras para que a comunidade (acadêmica e leiga) possa ter acesso à psicologia de uma maneira inovadora.

Leia as edições de nosso jornal também online:

institutopsicologiaemfoco.com.br

Aproveite e assine o JPF e receba as quatro edições anuais na comodidade de sua casa!

Entre em contato com ipfoficinadosaber@gmail.com

LITERATURA

Admirável Mundo Novo



Gabriella Helena Andrade Roberto
Acadêmica de Psicologia (PUC-PR) e vice-presidente do Centro Acadêmico Ana Freud (CAAF-PUCPR).

O livro “Admirável Mundo Novo” foi escrito por Aldous Huxley (1894 – 1963) na década de 1930 (pós Primeira Guerra Mundial), apresentando evidências do aumento dos partidos e ideias nacionalistas e da Grande Depressão nos EUA – consequência da queda da bolsa de valores de Nova Iorque. As marcas do período pós-industrialização são notórias pelo sistema fordista vigente nas indústrias, sendo ele o responsável pela produção em série em que cada etapa da fabricação é feita isoladamente e individualmente, especializando, assim, o trabalho ofertado.

A obra, mesmo que publicada em 1932, apresenta fatos recorrentes da sociedade contemporânea e demonstra o aspecto de distopia, expondo o regime totalitarista vigorante na sociedade futurista apresentada.

O livro apresenta Ford, como criador do mundo moderno a partir da invenção dos carros. Este é também assemelhado à figura de um deus onisciente a respeito da construção dessa sociedade.

A sociedade exposta baseia-se na padronização e controle dos homens e mulheres que a compõem, evidenciando, assim, o princípio da produção em série no aspecto biológico. Esse conceito expõe que não é necessária a espera da maturação dos óvulos para gerar poucos filhos. Com a tecnologia proposta no “Processo de Bokanovsky”, é ofertada a criação de muitas vidas em um curto período de tempo. A partir da geração dos embriões, cada indivíduo adentra o processo industrial da vida, onde sua sexualidade é definida por máquinas em um processo de produção em série. Assim, a sociedade não é apenas gerada laboratorialmente, mas também é condicionada. Por esse processo também se define a casta que a criança será inserida. Essa definição ocorre a partir do nível de oxigênio ofertado a ela, pois o primeiro órgão afetado é o cérebro.

A sociedade era definida por classes e, para cada divisão, era fornecido um tipo de tratamento e o ensinamento de amar aquilo que lhes foi condicionado. Toda classe era moldada para fornecer melhoria aos setores que foram designados. Desse modo, as pessoas de baixa casta, responsáveis por exercer trabalhos manuais, deveriam ser modificadas geneticamente para não interferir no seu desempenho de produção e, desde o setor do berçário, são torturados por meio de choques. Essa atitude condicionava uma classe a ter baixo desenvolvimento intelectual

e voltada apenas para o trabalho, não desperdiçando o tempo para leituras que possibilitariam a alteração do condicionamento estabelecido.

Cada classe era ensinada a explorar o que era permitido no seu ambiente com o propósito de gerar lucro a partir disso. Desse modo, às crianças da baixa casta são apresentados meios de transportes para fazerem uso e gerarem rentabilidade à sociedade. Em um contexto onde o desejo encontra-se no lucro, qualquer forma de proporcionar aumento monetário é aceita. Portanto, a poligamia era aceita naturalmente como forma de amor, na medida em que um sentimento único e intenso por apenas uma pessoa seria considerado um desperdício para a rentabilidade.

A sociedade contemporânea nos leva a seguir essa padronização imposta pelo capitalismo em busca de maior lucratividade. Isso é evidenciado por Skinner em sua obra *Walden Two*. Nela, o psicólogo relata que o comportamento humano pode ser modelado e modificado a partir do conhecimento e manipulação das condições ambientais. Nas mesmas condições, o “Admirável Mundo Novo” apresenta a modificação e aplicação de reforços no indivíduo, evidenciando em ambos a comparação da sociedade/indivíduo como uma máquina de produção de capital.

Na sociedade atual percebemos, com grande notoriedade, um mundo voltado para as padronizações do comportamento, um mundo que se correlaciona com o propósito capitalista de gerar lucro por meio da desigualdade de classes. Esse sistema político vigente na atualidade é responsável por enaltecer a meritocracia e naturalizar a existência de classes distintas não direcionadas às mesmas oportunidades de desenvolvimento.

O impacto social reside no fato dos indivíduos agirem com normalidade diante do conceito de luta de classes proposto por Marx. Uma sociedade conformada com as situações de imposição e padronização do comportamento se torna notoriamente alienada em seu modo de pensar sobre os problemas do mundo. Um indivíduo de pouco criticismo e satisfeito com a felicidade artificial não desejará mudanças, nem mesmo compreender e ter solidariedade com as pessoas ao seu redor. Desse modo, a sociedade atual deve refletir sobre o impacto da tecnologia no convívio e nas relações sociais, que estão sendo danificadas a cada dia pela ausência de compaixão numa sociedade cheia de privações e controle. ■

assine o nosso jornal

faça parte de
nossa história

receba as edições
anuais no conforto de
sua casa ou em sua
clínica e ainda ganhe
descontos nos cursos
da Oficina do Saber



mais informações:

(44) 99836.9484

(44) 99112.4469

ipf@oficinadosaber@gmail.com

Marcus Rio Teixeira

Entrevista realizada por Vinicius Romagnolli R. Gomes



Psicanalista, diretor da editora Ágalma. Autor de *Vestígios do gozo* (Ágalma/Campo Psicanalítico 2014) e *O espectador inocente – Psicanálise, literatura, cinema e música* (Ágalma, 2012), entre outros.

JPF – *Este ano o JPF tem se debruçado sobre o tema da mitologia e da literatura; como o senhor vê a relação de Freud com a mitologia grega e autores da literatura como Shakespeare, Goethe, entre outros?*

MARCUS – Antes de comentar a relação de Freud com a literatura, é preciso lembrar que o próprio Freud é um escritor dotado de um estilo fluente e elegante, além de extremamente habilidoso na construção da narrativa, qualidades que o fizeram merecedor do Prêmio Goethe, a maior distinção literária da língua alemã. Isso não era perceptível para o leitor brasileiro até a publicação das novas traduções da sua obra. Hoje, graças a essas traduções, podemos desfrutar do Freud escritor, além do Freud teórico.

Quanto às suas referências à mitologia grega, ao fazê-las ele tinha a certeza de ser compreendido pelos leitores do seu tempo, porque era de se esperar um conhecimento da cultura clássica por parte de pessoas com um certo grau de instrução. Não se tratava, portanto, de algo distante da realidade dos seus leitores. O recurso à mitologia lhe propiciava uma série de exemplos perfeitamente compreensíveis que visavam demonstrar a universalidade de certos princípios da sua teoria. Um belo exemplo é o seu textinho sobre A cabeça da Medusa, conciso e preciso, no qual ele se vale do mito para falar sobre o temor da castração.

No que diz respeito aos grandes autores da literatura ocidental, mais próximos do seu tempo, seu objetivo é o mesmo, porém cabe ressaltar que ele é realizado com o respeito e a admiração devidos a tais autores. Seu elogio dos artistas como precursores da psicanálise no conhecimento da alma [Seele] é conhecido por todos. Dentre estes, Shakespeare é o campeão de citações. Freud, sem dúvida, o considerava como uma fonte inesgotável para o estudo do psiquismo.

Segundo Harold Bloom, autor de *O Cânone Ocidental*, a relação entre Freud e Shakespeare ia muito além disso. A tese de Bloom é que Shakespeare foi o inventor daquilo que poderíamos chamar de subjetividade moderna. Ele ensinou, por exemplo, a construir um monólogo interior. Para Bloom, Freud tem uma dívida não reconhecida com Shakespeare: ele teria traduzido em termos teóricos daquilo que Shakespeare inventou antes dele. Para Bloom, o termo correto não deveria ser Complexo de Édipo, mas Complexo de Hamlet. Claro que Bloom exagera, pois ele não avalia a diferença entre elaboração teórica e construção literária ele elogia Freud como escritor e o menospreza como teórico, porém mesmo fazendo essa ressalva, é certo que a teoria freudiana deve muito à obra de Shakespeare.

JPF – *Muitos autores apontam para o “apagamento da dimensão trágica da existência” no mundo regido pela lógica do consumo e que tende a camuflar todo e qualquer enigma e conflito; como o senhor vê o cenário atual? Ainda há espaço para a mitologia, literatura e psicanálise?*

MARCUS – Esse apagamento foi diagnosticado inicialmente pelos autores ditos pós-modernos, que anunciaram o fim das “grandes narrativas” e desde então tem sido repetido por todos aqueles que ressaltam o caráter instável, transitório, das relações humanas na contemporaneidade, a ausência de valores que sirvam de balizas, de pontos de referência, etc. Mais recentemente, os livros de Bauman enfatizam o “líquido” no mundo contemporâneo.

Pessoalmente, não simpatizo com esses autores. Por quê? Mesmo considerando as mudanças nos laços sociais na contemporaneidade, cuja causa deve ser buscada além de mudanças nos

costumes, até mesmo em uma mudança na economia psíquica, como se refere Charles Melman, é preciso diferenciar uma análise criteriosa, que parte da observação de dados para elaborar um diagnóstico, de meras especulações superficiais. Na minha opinião, o procedimento de certos autores contemporâneos consiste muito mais em espelhar a realidade, descrever o que todos constataam no seu cotidiano, do que em fornecer uma análise consistente. Nos piores casos, há um certo gozo em afirmar essa ausência de referências, essa fluidez dos laços, o que confere a seus textos um ar de profecia autorrealizável.

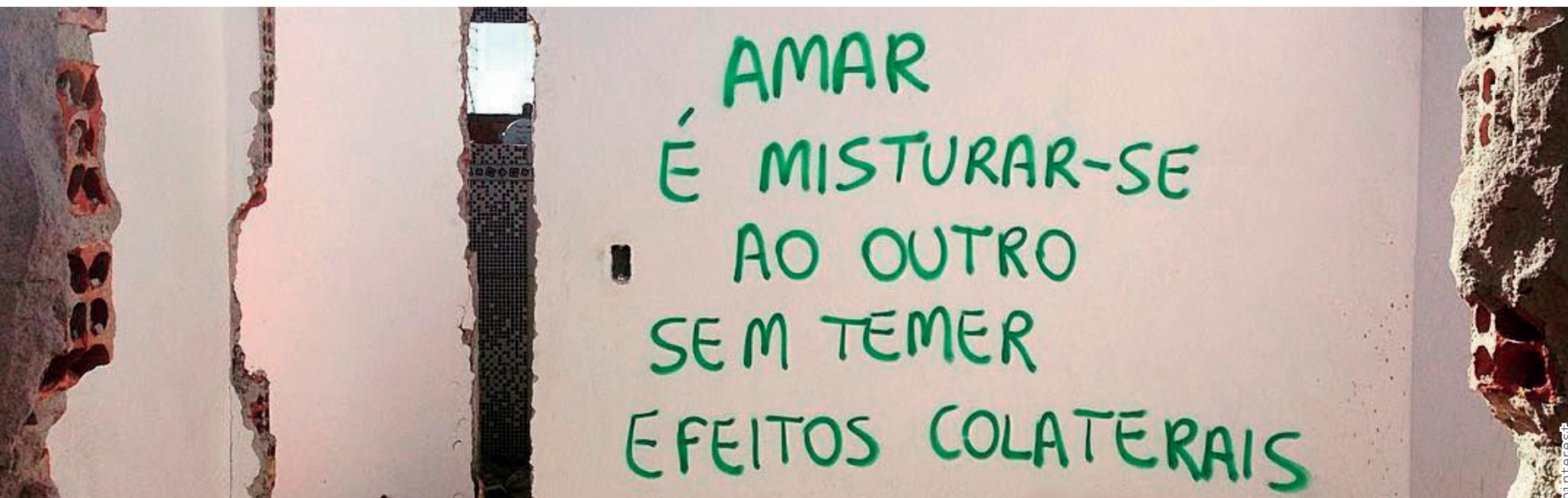
Lamento muito constatar que uma certa leitura de Lacan se aproxima perigosamente dessa abordagem. Eu me refiro a uma ênfase que alguns colegas fazem no aspecto sem sentido da dimensão do Real. Ainda que se baseie em princípios teóricos corretos, essa leitura promove uma espécie de idealização da ausência do sentido, como se isso fosse uma meta preconizada por Lacan. Me parece algo semelhante a uma leitura que se fazia no início da divulgação do ensino de Lacan entre nós, da sua crítica à ego psychology. Alguns entendiam que se Lacan falava do ego, do eu, enfatizando sua função de desconhecimento, uma análise deveria combater o eu. Ora, ninguém chega ao final de análise “sem eu”, assim como ninguém pode viver na ausência de sentido.

JPF – *E em relação a Lacan? Como a literatura influenciou sua obra? Sabemos que Lacan se dedicou em um de seus seminários à obra de James Joyce, tida por muito como hermética e de difícil acesso...*

MARCUS – Lacan era um homem erudito, com uma vasta cultura, que incluía o conhecimento dos clássicos da literatura grega e latina, que ele leu no original. A essa cultura clássica ele somava a familiaridade com a literatura moderna, inclusive de autores das vanguardas europeias do século 20, alguns dos quais ele conheceu e conviveu. Seus artigos e seminários estão repletos de referências a Guillaume Apollinaire, André Breton, Alfred Jarry, Raymond Queneau, Jean Cocteau, Ionesco... E, last but not least, Joyce, é claro.

Joyce tem essa má fama de ser um autor de difícil leitura. Talvez porque se tome como exemplo sua última obra, *Finnegans Wake*, que é repleta de neologismos e constitui uma tentativa de transformar e recriar a língua inglesa com inserções de vários idiomas. Porém, suas primeiras obras, como *Um retrato do artista quando jovem*, *Dublinenses*, e até mesmo *Ulysses*, são formalmente muito mais inteligíveis, ainda que tenham a marca do gênio. Mesmo *Finnegans Wake*, segundo Anthony Burgess, um dos maiores estudiosos de Joyce, pode ser lida por um leitor comum, sem erudição, com extremo prazer. Segundo esse autor, é um livro extremamente divertido para um leitor irlandês porque Joyce inseriu inúmeros jogos de palavras que são cômicos para seus compatriotas.

É uma pena que muitos colegas leiam Joyce apenas para confirmar o que Lacan desenvolveu no seu Seminário 23, *O Sinthoma*: que ele construiu um tipo próprio de enodamento, que lhe permitia manter unidos o Real, o Simbólico e o Imaginário graças a um quarto aro, o Sinthoma. Acontece que Joyce é muito mais do que um “caso clínico” de Lacan: trata-se de um dos maiores alguns consideram o maior autores do século 20. Dessa forma, o que em Lacan era uma aproximação marcada pela admiração por esse grande escritor que o fascinava pelo seu uso da linguagem, corre o risco de se transformar, nos seus discípulos, numa mera confirmação da tese lacaniana.



JPF — *Como psicanalista e leitor voraz, quais obras da literatura mais marcaram sua trajetória e que o senhor considera imprescindíveis para a biblioteca de um psicanalista?*

MARCUS — Gostei do “leitor voraz”! Se essa entrevista fosse feita nas redes sociais, poderia acrescentar “rsrs”. Mantendo a metáfora oral, além de voraz, eu poderia dizer onívoro, porque as minhas leituras sempre foram ecléticas, sempre misturei a “grande literatura” com obras de literatura “B”, romances policiais e de ficção científica, sem preconceito. Mas sua pergunta me coloca uma dificuldade, porque uma coisa são as obras literárias que são importantes para mim (por algum motivo pessoal), outra coisa são obras que eu consideraria “imprescindíveis para um psicanalista”. Vou tentar chegar a uma formação de compromisso, listando obras que de alguma forma considero importantes e que talvez também possam sê-lo para um analista na sua formação. Além, é claro, de propiciar uma leitura prazerosa.

1. A Ilíada, Homero. Já que falamos sobre a importância da mitologia grega e latina, não poderia deixar de incluir este clássico. Nele está presente a dimensão do humano diante dos designios dos deuses. Dispomos de boas traduções, mas recomendo a do grande poeta Haroldo de Campos.

2. Alice no País das Maravilhas, Lewis Carroll. Obra polissêmica, que surpreende por possibilitar múltiplas leituras mesmo 150 anos após sua publicação. Carroll foi professor de matemática e publicou diversos textos sobre lógica, dedicados sobretudo ao estudo de paradoxos. Esses saberes são incorporados à sua obra, que é também uma fonte inesgotável de jogos de linguagem. Também dispomos de ótimas traduções. Recomendo a de Sebastião Uchôa Leite.

3. Ficções, Jorge Luís Borges. Impossível faltar nesta lista um dos maiores nomes da literatura latino-americana (na verdade, da literatura universal). Borges coloca a sua erudição a serviço da criação literária, dando forma a um universo fantástico que remete incessantemente aos clássicos da literatura ocidental e oriental.

4. Um Estudo em Vermelho, Arthur Conan Doyle. Foi Ricardo Piglia quem observou que a narrativa freudiana tem estrutura semelhante à dos contos policiais. Este já seria um bom motivo (há muitos outros) para incluir nesta lista uma aventura do personagem imortal Sherlock Holmes.

5. Ubik, Philip K. Dick. Não aprecio leituras que tomam a obra como objeto para elaborar diagnósticos. Dito isto, ainda que o espaço seja limitado para expor a diferença que quero ressaltar, o autor cria uma realidade de universos paralelos que se assemelha a um delírio.

6. Ulysses, James Joyce. Este era fácil de adivinhar. Hoje, além da tradução clássica de Houaiss, dispomos de outras de grande valor. Recomendo a de Caetano Galindo, que recuperou o tom coloquial. Quando se percorre um país desconhecido é sempre bom ter à mão um guia. Para mim, Anthony Burgess desempenhou esse papel. É uma sorte termos entre nós um ótimo guia de leitura para o Ulysses, intitulado Sim, eu digo sim Um passeio guiado pelo Ulysses de James Joyce, escrito por Galindo.

7. Hamlet, William Shakespeare. O personagem favorito de Freud e Lacan já foi objeto de centenas de ensaios psicanalíticos que o diagnosticam como obsessivo, histérico, etc. Porém, Hamlet é muito mais que um exemplo para ilustrar um diagnóstico. Para Bloom, ele é o personagem mais importante da literatura ocidental.

8. Histórias Extraordinárias, Edgar Allan Poe. Um dos autores favoritos da minha adolescência, que reencontrei com muito prazer quando li pela primeira vez o texto de Lacan. A leitura de Poe, contudo, não pode se resumir à Carta Roubada. Este volume de contos explora vários gêneros, do policial ao fantástico, passando pelo horror.

9. As Onze Mil Varas, Guillaume Apollinaire. O desejo e seus limites ou a ausência destes é o tema central da literatura erótica. O interesse de Lacan pela obra de Sade é bastante conhecido, porém o erotismo não se resume a Sade aliás, este nem sequer era um autor erótico, segundo Roland Barthes. Quanto a Apollinaire, precursor do surrealismo (a palavra que denomina o movimento foi criada por ele), é sem dúvida um autor que soube explorar esses limites.

10. O Prazer do Poema Uma Antologia Pessoal, Ferreira Gullar (org.). Como dizia Rimbaud: “os poetas não sabem o que dizem, mas o dizem antes dos outros”. Por isso finalizo com esta antologia da poesia brasileira e de língua estrangeira, compilada por um de nossos grandes poetas. ■

A assombrosa e curiosa literatura do terror



Lucas Monteiro Campigotto

Graduado em Filosofia (PUCPR-Maringá).
Graduando do 4º ano de Psicologia (UEM).

Se propaganda pode.
Pg. não liberdade de expressão?

oThe os Imuros

Em meio a cenários escuros, sentindo uma presença aterradora e desconhecida; em meio a monstros com sofrimento, objetos amaldiçoados ou situações inconcebíveis... Pegue sua tocha e torça para sobreviver, jogue uma luz naquele canto escuro das escadas envelhecidas de seu porão, pois vamos falar de terror. E é da luz que também ele nasce, quando Horace Walpole escreveu O Castelo de Otranto (1764). É interessante como a literatura obscura e gótica do terror (ou horror – uma discussão para outro momento) nasce em pleno século das luzes, mas, se considerarmos toda a riqueza simbólica que estas histórias costumam conter, retoma a função do arquétipo que, de acordo com Jung (2000, §276), “é compensar ou corrigir as unilateralidades ou extravagâncias inevitáveis da consciência”, ou seja, a unilateralidade de nossas ações acaba por ser compensada pela alteridade e o encontro com a variedade de possibilidades é um passo a mais na individuação, processo terapêutico que propõe a Psicologia Analítica.

Retornando à historicidade: o século XVIII seguiu com as características de Walpole e com alguns de seus conterrâneos como a escritora Ann Radcliffe e Matthew Gregory Lewis (Emily Brontë também possui algumas características do gótico), com algumas doses de corpos em decomposição, castelos gigantescos que fazem o indivíduo se sentir diminuto e insignificante e, claro, algumas masmorras.

Das luzes surgem também sombras e toda esta razão científica que a Escola de Frankfurt vem a nomear futuramente de Razão Instrumental, que já era notada pela grandiosa Mary Shelley quando escreveu Frankenstein em 1818, uma história em que a ciência se mostra auspiciosa para criar vida. No entanto, como os indivíduos não tem controle

sobre todas as variáveis da vida, o ser criado se torna o monstro do dr. Frankenstein (ou seria o doutor o verdadeiro monstro?), que, mesmo com atos hediondos, noz faz simpatizar com esse monstro que almeja ser amado.

A trilogia dos maiores clássicos do terror vieram do século XIX. Além de Frankenstein, temos o romance escrito em cartas do irlandês Bram Stoker: Dracula (1897), que conta a história do poderoso Conde vampiro da Transilvânia e o livro saído de um sonho do escocês Robert Louis Stevenson: O Médico e o Monstro (1886), que lida com a dualidade da condição humana. Além dos clássicos, há também neste século grandes produções de terror como o conto do alemão E.T.A. Hoffmann: O Homem da Areia (1816), os tenebrosos e misteriosos contos (e a biografia) de Edgar Allan Poe (1809–1849), sobretudo um poema muito representativo intitulado O Corvo, que desperta no indivíduo a reflexão da condição humana de sua possibilidade de morrer. O sofrimento vindo do inferno interno que o corvo vem grasnar na cabeça do personagem é o sofrimento só dele, inexprimível, que será sempre carregado com ele e “nunca mais” será aliviado.

Há também os contos de Ambrose Bierce, como Um habitante de Carcosa (1886), que inspiraram O Rei Amarelo de Robert Chambers (uma série de contos sobre uma peça que influencia as vidas das pessoas que a leem, levando-as à loucura ou a atos hediondos), que, por sua vez, influenciou Lovecraft e Stephen King. Além disso, temos também nosso querido paulista Álvares de Azevedo, com Noites na Taverna (1855).

Do século XX para a atualidade, há também nomes de peso como H.P. Lovecraft, com seu terror cósmico, Lygia Fagundes Telles, com Venha

ver o por do sol (1988), William Peter Blatty, com O Exorcista (1971), o conhecido como rei do terror Stephen King (destaque para O Iluminado), Neil Gaiman com uma grande variedade de obras, Anne Rice retoma algumas características do gótico em Entrevista com Vampiro, e, falando de vampiros, temos André Vianco com uma série de livros do tema.

Considerando toda a contextualização e a inesgotável lista de mais nomes que não caberia, é importante constatar como o terror evoca uma situação existencial, sobretudo da possibilidade da morte (Heidegger faz grandes considerações acerca deste tema) que o desconhecido e obscuro nos leva a sentir. Essa sensação recorda também o que Albert Camus, filósofo argelino, fala acerca do conceito de absurdo como a sensação de uma irracionalidade, uma falta de sentido entre o ser humano e o mundo, sobretudo diante da descontinuação da vida.

O terror, portanto, é um paradoxo que nos causa medo e ao mesmo tempo interesse, nos chama a atenção para seus perigos e possibilidades, para o mistério do sobrenatural. Para a Psicologia Analítica, ele transmite o aspecto da sombra (lado escuro e desconhecido de nós mesmos), que, na alquimia, é associada à nigredo. Vale lembrar que o sacerdote Cthulhu (monstro lovecraftiano) dorme nas profundezas do oceano (símbolo do inconsciente). O encontro com a sombra na jornada do herói é um momento crítico que possibilita grande transformação. É importante que diante da adversidade o indivíduo tenha uma relação de constatação e amizade com seus próprios monstros, ou serão aterrorizados por eles ■

A persona e sua sustentabilidade: enfermaria nº6 (Anton Tchekhov)



Jacinto Maia Neto

Psicanalista, formado em psicologia (UEM). Pós graduado em Counseling e em Psicologia Junguiana. Membro fundador do Instituto Junguiano Prometheus. (CRP 08/10960)

Anton Pavlovitch Tchecov (1860–1904), genial escritor russo, no conto “Enfermaria Nº6” narra as agruras de Andriéi Iefímitch, propondo um desfecho inusitado, porém plausível de nossa condição humana. Nosso protagonista havia se preparado para a carreira eclesiástica. Terminara o ginásio em 1863 e pretendia ingressar na Academia Teológica, porém, seu pai, médico e cirurgião, o interdita declarando que caso ele seguisse essa carreira “não o consideraria mais seu filho”.

Andriéi Iefímitch chega ao interior da Rússia, lugar distante, e assume o posto de médico do hospital da cidade. Nessa instituição há a enfermaria Nº6, destinada à doentes mentais. A primeira impressão que Andriéi Iefímitch teve do lugar foi a de “que era uma instituição imoral e altamente nociva à saúde dos habitantes. A seu ver o que havia de mais inteligente a fazer era soltar os doentes e fechar o hospital.” O início da vida profissional é marcado pelo empenho do personagem em atender a população. Trabalhou com afinco, todavia, com o passar dos anos, começou a levar uma vida parcimoniosa, de uma rotina enquadrada e fechada em si mesmo. Mantinha uma relação de amizade com o chefe dos correios, Mikhail Avieriánitch, que à noite recebia para interlúdios, jantares e umas bebidas. Nestes diálogos, o médico reclama constantemente da cidade, da vida e chega à seguinte conclusão: “lança ao acaso um olhar sobre seu passado e sobre o presente. O passado causa asco, é melhor não lembrar. E no presente, é o mesmo que no passado.”

Certa noite visitando o hospital, o médico acaba por conhecer o intelectual Ivan Dmitritch, que estava internado na enfermaria Nº6, com quem resolve dialogar. Enfim, Andriéi encontra alguém com quem poderia estabelecer uma conversa interessante e começa a frequentar esta enfermaria. Com a aproximação do interno “demente” e o afastamento da vida social, o médico começa a construir sua derrocada. As autoridades e aqueles que governavam o hospital entendem que o doutor encontra-se doente. Com a insistência daqueles que eram próximos dele, Andriéi Iefímitch, mesmo que forçosamente, começa a adoecer.

Faz uma longa viagem na tentativa de se curar na companhia do chefe dos correios. Em seu retorno chega sem dinheiro, seu cargo fora ocupado pelo Dr. Khóbotov (médico novo) e ainda, esse último encontra-se residindo no seu apartamento. Logo, seus amigos o convencem de ser internado no hospital, na enfermaria nº6. Finalmente internado, cai em si, percebe-se na condição de prisioneiro, desespera-se, sofre uma apoplexia e morre.

Após este resumo do conto, faremos a análise do personagem central, baseado na psicologia Junguiana, focando no complexo estruturante (com raízes arquetípicas) chamado persona. Esta representa a face social do ego, que tem a função de auxiliar o ego a relacionar-se com o mundo. De acordo com Jung, persona é um termo derivado da palavra grega para “máscara”, sua atuação se dá exatamente na relação com o outro; são papéis que o ego representa, tais como: mãe, filho, pai, comerciante, advogado, estu-

dante, avô, médico, juiz, entre outros. “Esses papéis envolvem modos geralmente esperados e aceitáveis de funcionamento numa cultura, incluindo até, com frequência, certos estilos de vestuário e de comportamento.” (HALL, 2007, p.23).

Essa função social, entretanto, é confundida como algo distante do ego, como se esse pudesse se diferenciar em demasia do papel que representa. A persona desenvolvida adequadamente ajudará o ego a ocupar seu lugar na vida e na sociedade. Segundo Hall (2007, p. 24): “O desenvolvimento insuficiente da persona produz uma personalidade que é abertamente vulnerável à possibilidade de rejeição e dano, ou de ser arrebatada ou eliminada pelas pessoas com quem se relaciona”. Supomos que isso aconteceu com o protagonista – o desenvolvimento insuficiente da persona; num primeiro momento, ele ainda conseguiu sustentar a persona do médico, porém, com o passar do tempo e, também, devido ao isolamento a que se submete, a máscara do médico não o protege mais, assim, o ego fica exposto. Em

certo momento ele “confessou mais de uma vez que nunca sentira vocação para a medicina...”. Ou seja, aquilo que nos propomos fazer, a representação social exige que incorporemos aquele papel.

Entendendo a persona como a face social do ego, é plenamente possível que em boa parte de nossas vidas nos confundamos com ela, isto pode ser entendido como bom e ruim. Bom, porque estamos cumprindo o papel que escolhemos. Ruim, porque podemos entender que somos apenas nossa persona. Conforme Jung em “Os arquétipos e o inconsciente coletivo” “[...] a tentação de ser o que se representa é grande, porque a persona frequentemente recebe seu pagamento à vista (p.221)”.

Concluindo, nossa proposta aqui é destacar a importância da dose certa para a adaptação à persona, assim como em tudo em nossas vidas, o equilíbrio das forças contrárias é que nos traz equilíbrio mental. ■

CENTRO DE TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL

ESPECIALIZAÇÃO

TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL

CRP 06/4570-J / CREDENCIAMENTO MEC 71516

MARINGÁ | PR
AVENIDA TIRADENTES, 1008
SALA 1001 - CENTRO

INSCRIÇÕES
[44] 3025-7832
FALECONOSCO@CTCTVEDA.COM.BR

INÍCIO EM
ABRIL DE 2019

Maiores Informações acesse o site: www.ctcveda.com.br

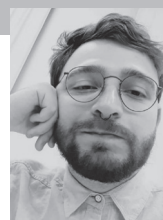
MITOLOGIA

Antagonismo e resignação em Cassandra



Letícia Cabral Gonçalves Lopes

Acadêmica do 2º ano de Psicologia (Unicesumar) e membro do Instituto Psicologia em Foco.



João Henrique Piva Boeira

Graduado em Design (UEM). Acadêmico do 3º ano de Psicologia (Unicesumar) e membro do Instituto Psicologia em Foco.

Febo (O brilhante) Apolo, filho de Zeus e Leto, irmão gêmeo de Ártemis, já ao quarto dia de vida é apresentado com um arco forjado pelo próprio Hefesto e ainda em sua juventude, exprime notório talento matando a monstruosa serpente Pítón (guardiã do oráculo de Delfos), que fora designada por Hera a perseguir sua mãe durante sua gestação. Faz parte do panteão grego, sendo uma das maiores divindades dos povos helenos. Deus do sol, das artes, da razão e das profecias. É a ele que se designa o aforismo “Conhece a ti mesmo”, uma das máximas de Delfos.

Tal como o pai, Apolo esbanja virilidade em seus feitos. Nunca estabeleceu uniões matrimoniais, mas se relacionou, seduzindo ou violando várias ninfas e mulheres mortais. Entre elas estão Ftia, a musa Talia, Corônís, Ária, Cirene e Driopeia.

Febo também é uma das figuras mais importantes da epopeia homérica de Ilíada, caracterizada por cantos que narram o nono ano da guerra entre Grécia e Tróia. Mas é em Ilíada, com toda sua glória e epicidade, que uma personagem por voltas passa despercebida: Cassandra.

Filha do rei de Tróia, Príamo, e da rainha, Hécuba, Cassandra, ainda jovem, adormece no templo de Apolo junto ao seu irmão Heleno. Nesse momento, duas serpentes percorreram a língua em suas orelhas, fazendo com que as crianças passassem a ter sensibilidade auditiva ao ponto de ouvir até mesmo os diálogos do Olimpo. Ao passar dos anos, Cassandra se dedicava cada vez mais a servir Apolo, e com seus ensinamentos, havia se tornado sua profetisa.

Em uma das diversas tentativas e insistências apolíneas pelo amor de Cassandra, essa o rejeitou sexualmente. Apolo, então, a removeu a valência da persuasão. Nada mais que saísse de sua boca ganharia credibilidade. Ao prever inúmeras desgraças, bem como a Guerra de Tróia, era tida como insana e socialmente ridicularizada. A ausência de confiabilidade em suas profecias levou sua cidade ao fim.

Eis que aqui torna-se plausível adentrar na visão de Cassandra como um complexo, dotado de características históricas específicas, exemplificando a questão da marginalização do feminino. A mulher

referida de tal complexo costuma apresentar certa ruptura de personalidade, podendo ser inserida em condutas dinâmicas e responsáveis. Porém, cai-se por terra essa persona, e, como se abrissem as cortinas de um teatro, inicia-se uma cena totalmente contraditória, apresentando a figura de uma mulher assustada, indefesa, desejosa de proteção, incapaz de expressar suas pretensões. Ou seja, subestimada.

É de suma importância pontuar que a história de Cassandra ocorre no segundo milênio a.C., numa conjuntura social na qual há um processo de transição da cultura matriarcal para a cultura patriarcal, o que culminou na decadência exacerbada dos valores femininos retratados na tragédia.

Essa mudança deve ter sido particularmente traumática para os troianos, cuja cultura se aproximava mais do matriarcado cretense/minoico do que o patriarcado aqueu. Quando Tróia foi derrotada pelos gregos, também o foram sua cultura e sua religião (SCHAPIRA, 2018, p. 28).

Tal contexto também possibilita a exemplificação da presunção da figura de Apolo, muitas vezes aparentando carregar o estereótipo do homem ideal, o que o centraliza, corroborando (ontem e hoje) para a preponderância do masculino.

Outro aspecto a ser considerado é a relação conflituosa com sua mãe, Hécuba, que não proporcionou à Cassandra um ambiente circundante, passível de tolerância e continência para os sentimentos negativos da filha. Além disso, na dinâmica familiar, havia alarmante idealização tanto da figura paterna quanto de seus irmãos, Páris e Heitor, primogênito sustido por Apolo.

Na figura mitológica de Cassandra, é travada uma batalha entre a representação da figura paterna idealizada e a mãe ausente. Por não mais conseguir credibilidade com suas vaticinações, ensimesma-se em autoafirmações, e por isso insiste em sua dinâmica psicológica até o fim.

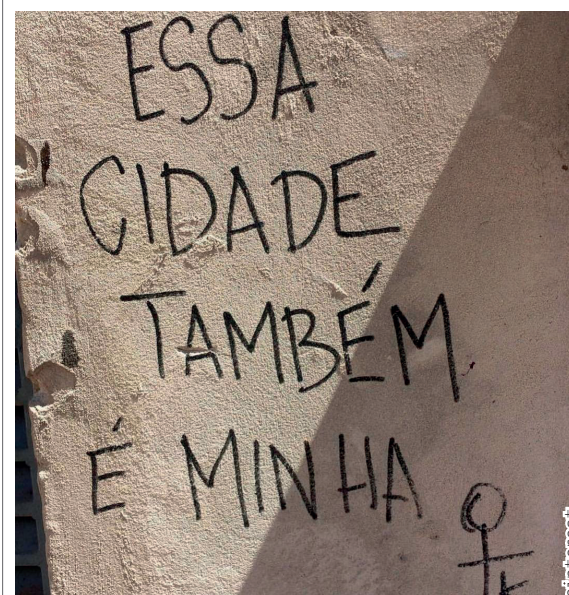
Transcorrendo da mitologia à atualidade, a figura do feminino é encoberta por ideias de fragilidade, vitimização e subordinação, socialmente introjetadas nos sujeitos desde que estes nascem, construindo a identidade do feminino e do que é ou não é existir

mulher. Dessa forma, no que se denomina Complexo de Cassandra, há a sensação de inevitabilidade de demonstrar valor, de se auto provar.

A ocorrência do fenômeno tem suas raízes na introjeção cultural do patriarcado. Ao fugir do que lhe é proposto, o ego feminino é caçado selvaticamente por esse conteúdo inconsciente. O complexo assume o controle quando a mulher-sentir, representação do que é esperado dela, é confrontada pelo seu real desejo.

A retirada da capacidade de Cassandra de persuadir, culminou em uma insegurança voltada ao seu próprio funcionamento psíquico. A partir da conjuntura de não ter sua voz escutada, a personagem passa a duvidar de sua credibilidade, sendo exemplificada por sua insistência na tentativa de ser estimada.

A situação da mulher-Cassandra constitui a posição marginalizada da mulher contemporânea. Portanto, é de ampla visualização que, em um espaço em que o feminino não tem lugar de fala, quem se encontra no complexo também o alimenta com o descrédito em sua emancipação. ■





*casas, apartamentos,
comerciais ou
terrenos?*

IMOBILIÁRIA

SILVIO IWATA

Desde 1984



*faça
uma decisão de*

CONFIANÇA!

www.silvioiwata.com.br

SOCIAL

Arte, literatura e movimentos sociais como forma de empoderamento para o feminismo negro

A partir da série intitulada *How to get away with murder*, pretende-se compreender a importância que a personagem Annalise tem para o empoderamento feminino negro. Pois a personagem é uma mulher negra que veio de uma família pobre, sendo a única filha com ensino superior. Ela é uma advogada e professora de direito criminal bem-sucedida, e é retratada pela série principalmente por meio da sua relação com os estudantes do curso de direito, bem como pelos assassinatos que ocorrem no decorrer dos episódios.

O que mais chama atenção é o fato de ser uma série norte-americana dirigida por uma produtora negra, Shonda Rhimes, e por ter como protagonista uma atriz negra, cujo papel não é estereotipado, como é costume ser na séries norte-americanas em que a representação da mulher negra está, em grande parte, em séries de comédia ou em papéis secundários.

Vale destacar também que a atriz Viola Davis, por meio desta série e de sua atuação, foi a primeira atriz negra a ganhar um Emmy, na categoria de Melhor Atriz em Série Dramática. Nesse sentido, a escolha da personagem para esta análise se dá pelo fato de que ela representa a figura de uma mulher negra que está conseguindo representatividade na indústria cinematográfica.

Porém, ao mesmo tempo que Viola atua em um papel que foge do estereótipo dos papéis de atrizes negras no cinema hollywoodiano, ela também representa na série e na vida real o processo de branqueamento que elas sofrem. Pois, na série, Annalise precisa usar peruca (de um cabelo alisado), estar maquiada, vestida com salto alto e vestidos formais para que possa atuar como advogada.

A personagem passa por um branqueamento, não podendo usar seu cabelo natural e ser como ela é. Isso fica evidente na cena em que Annalise chega em casa, vai para seu quarto, senta na penteadeira e olha para o espelho, iniciando seu processo de "desbranqueamento" retirando a peruca, a maquiagem, sendo ela mesma, sem máscara, apenas um corpo nu, que não passa pelo olhar social racista e julgador. Segundo a autora Cardoso (2013), as identidades negras, enquanto grupo social, são constituídas de rejeição e de impedimentos, de tal forma, que suas experiências são invisibilizadas e desvalorizadas pelo racismo do pensamento universal ocidental branco.

Vale ressaltar que foi a atriz Viola Davis quem sugeriu a produtora da série para que houvesse momentos em que a personagem pudesse aparecer como uma pessoa real, destituída de perucas e outros mecanismos que mascaram a negritude. É possível pensar que há sempre uma tentativa de mascarar os corpos negros, principalmente das mulheres negras, embranquecendo-as.

Quando isso não ocorre, o que acontece é uma polarização, em que a mulher negra é representada pelo cinema de forma inferiorizada pela branquitude, cujos papéis predominantemente demonstrados são os de empregadas domésticas, secretárias ou que enaltecem apenas o corpo e a sexualidade

da mulher negra. Conforme a autora Maia (2011), diferentemente da negritude, a identidade e o lugar estrutural das pessoas brancas é o de discursos de lugares/posições onde todas as qualidades atribuídas são de sucesso e poder.

Sendo assim, o fato de transmitirem uma série em que a protagonista representada demonstra o racismo e o sofrimento da identidade negra é importante para que possa inserir um novo imaginário social, onde as mulheres negras assumem papel de liderança, de altos cargos, sem que haja uma sexualização do corpo feminino negro. Entretanto, sabemos que ainda falta inúmeras políticas públicas que possibilitem o acesso e a oportunidade para que as mulheres negras alcancem papéis de representatividade na sociedade.

Segundo a autora Oliveira (2006), os movimentos sociais na contemporaneidade ajudam na conquista de políticas públicas e permitem a contribuição para que haja uma redefinição do sentido das noções de cidadania, representação política, social e cultural.

Os movimentos sociais atuais estão permitindo a possibilidade de novas construções e concepções sobre padrões e valores.

É possível pensar também que, de alguma for-



Emily Albuquerque

Mestranda em psicologia (UEM) e pós-graduanda em Psicoterapia psicanalítica contemporânea (EPPM). (CRP 08/24208)

ma, a série ao mostrar uma nova construção da identidade feminina negra colabora também para que haja novas percepções e construções sobre a representação da mulher negra.

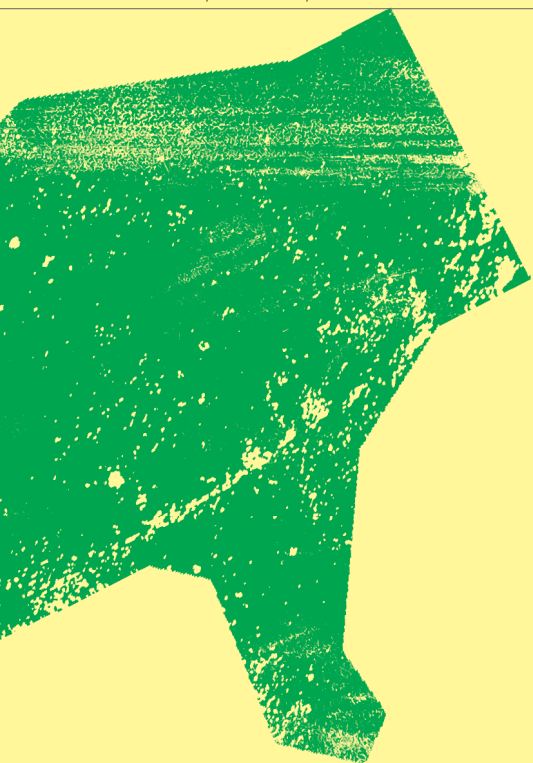
Por esse caminho, saber que antes da atriz Viola Davis nenhuma mulher negra tinha tido a oportunidade de ganhar um Emmy na categoria de Melhor Atriz, nos faz pensar na necessidade de que haja oportunidades para estas mulheres atuarem em papéis com representatividade. Assim, termino com uma parte do discurso proferido pela Viola Davis, em 2016, na entrega do Emmy de melhor atriz, em que ela foi a única mulher negra a receber esta premiação até hoje:

Na minha mente, vejo uma linha. E depois dessa linha, vejo campos verdes, flores adoráveis e lindas mulheres brancas com seus braços esticados na minha direção, depois dessa linha. Mas, não consigo chegar lá. Não consigo passar dessa linha. Quem disse isso foi a ex-escrava e abolicionista americana, Harriet Tubman, nos anos 1800. E deixem-me dizer algo a vocês: a única coisa que separa as mulheres negras de qualquer outra pessoa é a oportunidade. Você não pode ganhar um Emmy por papéis que simplesmente não existem (DAVIS, 2016). ■



The background of the page is a light gray with a textured, slightly mottled appearance. Overlaid on this are several pieces of torn, light gray paper that look like they have been ripped from a larger sheet. These pieces are scattered across the page, some overlapping the text. There are also several dark gray ink splatters or blotches of varying sizes and shapes, some of which are also overlapping the text and the torn paper pieces. The overall effect is one of a rough, hand-drawn or collage-like aesthetic.

A função psicológica e política dos mitos



Carolina Laurenti

Graduada em Psicologia (UEL). Mestre e doutora em Filosofia (Universidade Federal de São Carlos). Professora no departamento de Psicologia (UEM) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento (UEL).



Carlos Eduardo Lopes

Graduado em Psicologia (UFSC) e doutor em Filosofia pela mesma instituição. É professor Associado do Departamento de Psicologia da UEM e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina.

Na coluna anterior, definimos os mitos como comportamento verbal e, mais amplamente, como práticas culturais verbais. Essa definição permite que investiguemos agora como os mitos podem afetar o comportamento dos indivíduos, auxiliando-os no autoconhecimento e no modo de lidar com seus problemas. Podemos dizer que essa é a função psicológica dos mitos, o que pode ser esclarecido pelo conceito de regras. Em linhas gerais, regras são descrições verbais de contingências; ou seja, são descrições que especificam que quando uma ação ocorre, em um dado contexto, ela é seguida por certa consequência. As regras têm uma função psicológica na medida em que com elas entendemos nosso comportamento (autoconhecimento), prevemos o que acontecerá quando nos comportamos de determinada maneira, e agimos em função dessa compreensão e previsão. Ordens, conselhos, avisos, orientações, instruções; leis governamentais, religiosas, científicas; máximas e provérbios são tipos de regras. Por exemplo, a máxima “amigos, amigos; negócios à parte” especifica, resumidamente, como se deve agir em certas situações (não misturar amizade com negócios, não emprestar dinheiro para amigos, não ser sócio de um amigo etc.), pois, caso contrário, teremos consequências aversivas (perderemos dinheiro, perderemos o amigo, ou ambos).

Como regras, os mitos também são especificações de contingências, que promovem uma compreensão do comportamento (autoconhecimento) com a função de nos “aconselhar” o que fazer, em certas situações, para resolver ou evitar problemas. Subjaz, contudo, às regras mitológicas uma pretensão (a)histórica de dar conta de todos os problemas de todas as pessoas em qualquer tempo e lugar. No caso das mitologias africanas, por exemplo, os odus são narrativas universais (que teriam sido catalogadas por Exu), que descrevem todas as histórias de cada homem, mulher e criança, todos os seus destinos e infortúnios, bem como o que fazer

diante desses problemas. Mesmo admitindo-se o livre-arbítrio, quando alguém sai (ou tenta sair) de seu odu, essa pessoa desvia de seu caminho, gerando uma série de dificuldades, que só se resolveriam pela via do autoconhecimento e do reconhecimento de sua essência. Cada odu é regido por um orixá, que protagoniza a história, especificando a origem ou as causas de certos problemas e os caminhos que devem ser seguidos pela pessoa que vivencia o problema.

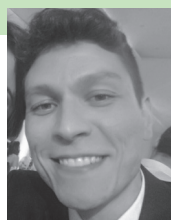
Mas como alcançar a correspondência perfeita entre o conhecimento mítico e os acontecimentos da vida? Ou, no caso da mitologia africana, como relacionar o problema vivido com o respectivo odu? Respostas a essas perguntas indicam que as mitologias não têm apenas uma função psicológica, mas também uma função política. De modo geral, as mitologias propagam a crença de que, embora plenamente determinados, os acontecimentos e, principalmente, os infortúnios da vida humana não são transparentes à própria pessoa que os vivencia (embora saibamos que estamos sofrendo, não entendemos o porquê). Portanto, há uma lacuna que deve ser preenchida entre os mitos e a vida humana concreta; algo que só pode ser feito por uma pessoa com poderes extraordinários (geralmente sobrenaturais), um oráculo, que teria uma espécie de Pedra de Roseta, cuja aplicação tornaria claro e coerente aquilo que é, em princípio, confuso e sem sentido. Tal pessoa converte-se, assim, em uma autoridade, que detém tanto o conhecimento mitológico quanto o poder hermenêutico, sendo, por isso, a única capaz de promover nosso verdadeiro autoconhecimento (entendermos o que está acontecendo em nossa vida) e de nos aconselhar corretamente por meio de regras (dizer o que devemos fazer para resolver nossos problemas).

O poder dessa autoridade oracular é diretamente proporcional à obscuridade do processo hermenêutico: embora, ao final, possamos entender por que estamos passando por problemas, não fica

claro como o oráculo chegou a essa conclusão. Para usar novamente o exemplo da mitologia africana, nunca entendemos como os búzios (ou outros instrumentos de adivinhação), usados por babalaôs e por pais e mães de santo, permitem a eles chegar àquele odu específico e, consequentemente, àquela regra extraída desse odu. Politicamente, isso quer dizer que as mitologias instituem uma assimetria insuperável nas relações de poder entre oráculos e as pessoas em geral, exigindo uma confiança cega na autoridade oracular (nunca somos capazes de entender e julgar o processo hermenêutico de transcrição dos mitos na vida humana) e uma dependência cada vez maior em relação a ela (sempre precisaremos consultar a autoridade para dizer-nos o que fazer). A discussão psicológica e política dos mitos é heurísticamente útil para pensarmos a relação entre o psicólogo e o seu cliente. Isso porque, não raro, o psicólogo assume o papel de um “oráculo contemporâneo”, enquanto as teorias psicológicas parecem adquirir o status de conhecimento mitológico. O primeiro caso ocorre quando o psicólogo se coloca (ou é colocado) como uma autoridade, com poderes excepcionais de decifração dos enigmas do psiquismo ou do comportamento humanos. O segundo caso ocorre quando as teorias psicológicas são apresentadas com uma linguagem abstrusa, na qual predominam metáforas e conceitos herméticos, tornando praticamente impossível para alguém, que não seja “iniciado”, compreender uma explicação psicológica. Isso permite que o psicólogo se blinde de críticas (o que fortalece ainda mais sua autoridade), ao mesmo tempo em que exige uma confiança cega por parte de seu cliente (o que o torna um paciente, no sentido de um ser passivo e dependente). Desse modo, seguindo o modelo da mitologia, a psicologia até pode alcançar seus objetivos psicológicos, mas o faz ignorando sua função política. ■

CONEXÕES

A Odisseia de Homero e o trabalho com pacientes graves



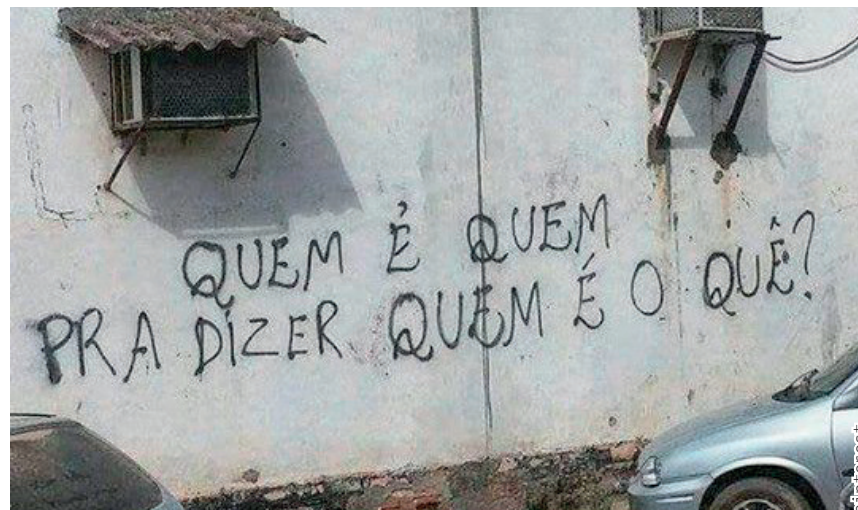
Guilherme Geha dos Santos
Graduado em psicologia (UEM). Especialista em psicoterapia psicanalítica (EPPM) e mestre em psicanálise e civilização (UEM). Psicólogo clínico. (CRP 08/20587)



Empatia em tempos de ódio



Aline Jorge
Especialista em Gestão Estratégica de Design e Inovação (UEL). Sócia do Vermelho Panda Design + Branding.



Há algo na Odisseia de Homero que me chamou a atenção e se vinculou ao que penso sobre a clínica com pacientes graves. Ulisses tem a ajuda de deuses e homens para enfrentar as diversas situações até retornar a sua terra, Ítaca. De outro lado, é atropelado inúmeras vezes.

Quando se aproximava de uma ilha onde teria contato com terra firme, Posêidon, “deus das águas não cultiváveis”, o jogava de volta para o mar, para continuar sofrendo. Ulisses, o guerreiro de inteligência divina na Odisseia, mantém sua principal habilidade até chegar a Ítaca: a capacidade de pensar.

As situações que enfrentou servem de metáforas daquilo que os analistas enfrentam com pacientes graves, ou em momentos agudos. Quando você acha que compreendeu o núcleo da patologia e está pisando em terra firme, é lançado novamente aos mares, à servidão do vento, das marés, da força ou fragilidade do seu próprio barco.

Às vezes, como Ulisses, mantemo-nos apenas flutuando sobre um único tronco que restou de nossa jangada, torcendo para que o mar nos leve de volta à terra. Mesmo assim, mesmo aí, estamos respirando, resistindo, mantendo viva a nossa capacidade de pensar.

“Filho de Laertes, criado por Zeus, Ulisses de mil ardis”, falou até com os mortos para obter informações sobre seu caminho de retorno a casa. Cegou o ciclope que prendia a si e aos amigos, utilizando-se da força do gigante para conseguir sair da caverna em que eram presos. É favorecido por Atena, “a deusa de olhos esverdeados”, de quem ouve dizer que, dentre os mortais, é o melhor nas palavras.

Ulisses busca forças para aguentar mais complicações em sua volta à Ítaca, quando diz a si mesmo: “Aguenta, coração, já aguentaste coisas muito piores no dia em que o Ciclope de força irresistível devorou os valentes companheiros. Mas tu aguentaste, até que a inteligência te tirou do antro onde pensavas morrer” (HOMERO, canto XX, versos 18-21).

Se a história de Ulisses em si, como contada por Homero, já não fosse suficiente para metaforizar o trabalho do analista com pacientes graves, aproveito-me das notas do tradutor Frederico Lourenço para concluir a metáfora:

“O nome ‘Odisseu’ [latinizado como Ulisses] talvez esteja associado ao verbo grego *odussomai* – sentir raiva de, encolerizar-se ou odiar. O verbo, porém, parece funcionar na voz intermediária, um híbrido entre a ativa e a passiva, insinuando que Ulisses é não apenas um agente da raiva ou do ódio, mas também seu alvo. Especialmente pertinentes são as argumentações de John Peradotto e George Dimock, que sugerem que Ulisses sofre por fazer os outros sofrerem, não como um fim em si, mas na medida em que odumassai recorda o verbo *ôdinô* – suportar a dor, sobretudo a dor do trabalho – como os padecimentos pelos quais o herói recobra sua identidade. Como consequência, Dimock nos propõe traduzir “Odisseu” como “homem de dor” – ativa e passiva, que age e sofre a ação, tanto agente quanto vítima, **infligindo e tolerando a dor, ainda que de alguma forma nascendo nesse processo.**” (HOMERO, 2014, p.558, negritos meus) ■

Poderia haver maior milagre do que olharmos com os olhos do outro por um instante? (Henry David Thoreau)

Sempre achei Thoreau um americano peculiar: foi escritor, poeta, naturalista, ativista e um “desobediente civil”, pois se recusou inúmeras vezes a pagar impostos para não financiar a guerra e a escravidão. Mas ele ficou mais conhecido por ser o homem que viveu dois anos isolado na floresta, materializando suas experiências no livro “Walden, ou A vida nos bosques”, publicado em 1854. Ele foi morar no bosque de livre vontade, pois desejava “sugar todo o tutano da vida” e “defrontar apenas com os fatos essenciais da existência”. Em dois anos de solidão e reflexão, ele viveu uma vida que muitos de nós gostaríamos de viver.

Thoreau e Design possuem muito a ensinar sobre empatia. Assim como Thoreau desejou viver apenas os fatos essenciais da vida, os designers também buscam projetos que resolvam os problemas reais e essenciais das pessoas. Thoreau, enquanto pessoa, e o Design, enquanto área de atuação: ambos buscam apenas os fatos essenciais, procuram enxergar o mundo a partir do olhar do outro e desejam fazer do mundo um lugar melhor.

Existem diversas formas de mudar o mundo e fazer dele um lugar mais humano e acolhedor. Uma delas é se relacionando e conversando com as pessoas: a chamada empatia. Podemos definir empatia como uma aptidão para se identificar com o outro e sentir o que ele sente. É como diz um provérbio indígena americano: você não deve julgar uma pessoa até ter caminhado uma

milha com os mocassins dela. Quanto mais se exercita a empatia, mais ela é aperfeiçoada. É um aprendizado constante.

A empatia é também uma das habilidades essenciais para se produzir bons projetos de Design. Não é incomum os designers serem também pesquisadores, antropólogos e curiosos. São aquelas pessoas que irão se sentar no banco da praça de alimentação com um caderno em mãos, simplesmente para observar o movimento e comportamento das pessoas e, a partir disso, desenvolver soluções para os mais variados problemas.

Ser empático é ser curioso. E um modo acessível para se praticar a empatia é sair pelas ruas, sentar em um banco de praça e observar as pessoas. Como elas caminham, para onde elas estão indo, no que elas estão pensando, como elas se vestem, com quem elas conversam. Simplesmente observar, sem julgamentos. Enxergá-las de fato, como seres humanos únicos e singulares que vivem e possuem vidas, histórias e emoções.

Após cultivar esse olhar, você também pode dar um passo mais ousado: conversar com as pessoas. Demonstrar interesse genuíno. Seja dentro de um supermercado, em uma sala de espera do dentista ou na fila do restaurante. Todas as pessoas são interessantes, a partir do momento em que existe abertura para conhecê-las de fato. Faça perguntas, indague, entenda, se interesse. O mundo é um campo de pesquisas enriquecedor e está à nossa disposição. ■

Um fragmento imagético de si mesmo refletido nas Personalidades Narcisistas



Giovana Kreuz

Graduada em Direito (UNIVEL) e Psicologia (PUC-PR). Especialista em Psicanálise com crianças (UTP-PR). Mestre em Saúde Coletiva (Instituto de Medicina Social da UERJ). Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP). (CRP 08/07196)

Narciso apaixonou-se, seduzido, pela própria imagem refletida no lago. Inebriado pela representação de si mesmo prostrou-se, paralisado diante do espelho – imagem equivocada. Com o tempo, entediou-se daquilo que o lago lhe apresentou – uma imagética que não era capaz de satisfazê-lo.

O senso acerca de quem somos e o quanto nos sentimos valorizados depende significativamente do olhar de pessoas importantes para nós. De certa forma, isso parece regular e estimular o modo como nos sentimos bem conosco mesmos e com o mundo. Concordamos que críticas ferozes e um olhar de desaprovação podem abalar de maneira muito dolorosa nossa autoimagem, certo?

Um grau de preocupação excessiva com a própria imagem perante os outros e um insistente investimento consigo mesmo podem estar muito intimamente ligados ao modo de funcionamento atual permeado pelas mídias e pela necessidade em ver-se e ser-bem-visto constantemente, ou seja, como afirma Mc Williams (2014) “a vida contemporânea reforça

as preocupações narcisistas, gerando inseguranças, estimulando vaidades e ambição” – a imagem substituindo a substância e, criando novas manifestações para nossos esburacamentos.

Para Donskis (2014) nossa era de autorrevelação, fixada no sensacionalismo barato, nos escândalos políticos, nos reality shows e em outras formas de autoexposição em troca da atenção do público e da fama, valoriza incomparavelmente mais o pânico moral e os cenários apocalípticos que a abordagem equilibrada, a ironia leve ou a modéstia.

Assim, a história construída ao longo da vida, a reputação, a sinceridade, o valor podem ser rapidamente substituídos pela impressão imediata, pela imagem irretocável, pela “evidência observável de sua superioridade”, como afirma Tocqueville (2002).

No entanto, há vulnerabilidades ainda mais profundas para aqueles cuja manutenção da autoestima, do senso de integridade e da própria identidade está atrelada e apenas sustentada por meio de afirmações externas. Personalidades narcisistas tem alta sensibilidade às críticas, um Self depreciado que é

compensado pela idealização e complementarmente para desvalorização do outro, assim o perfeccionismo é motivável. Há um pavor da insuficiência/impotência que fica à espreita e defesas contra o sentimento de devastação são empreendidas – em geral aparecem formatadas como ideais grandiosos não realistas – para resguardar da vergonha, da fraqueza, da impotência, ou seja, desamparos traduzidos por uma fome interna exaustiva por reconhecimento.

Então, a desvalorização do outro aparece, pois ele tem tudo, é tudo, pode tudo; enquanto para a personalidade Narcisista há uma inveja relativa ao que lhe falta em qualidades como beleza, saúde, potência, inspiração, virtudes. Para Donskis (2014) por trás dessa tendência está o medo esmagador de desmornar ou de ser quem se é; o medo da desimportância; de desvanecer no ar sem deixar vestígios de visibilidade e presença; o que equivaleria a se tornar uma não-entidade, ao fim da própria existência – ou um fragmento imagético de si mesmo refletido no lago. ■

SAÚDE MENTAL É ESSENCIAL E DEVE SER UMA PRIORIDADE.

COM UMA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR, O ATENDIMENTO SE TORNA MAIS **HUMANIZADO** E OS RESULTADOS CHEGAM DE FORMA MAIS **RÁPIDA**.

**COM SAÚDE MENTAL,
NÃO SE BRINCA.**



essentia
Clínica de Psiquiatria e Psicoterapias

AV. JOAQUIM DUARTE MOLEIRINHO 2282 - JD. ALAMAR - COM ESTACIONAMENTO PRÓPRIO



EssentiaMaringa

www.essentia.med.br

(44) 3346- 9222 ou 98813-4848



essentiamed

recepcao@essentia.med.br

O inimigo mora...? A polarização e a morte do pensamento coletivo

Muito antes destes turbulentos dias atuais aumentarem ainda mais a insegurança em relação ao futuro, já se avistavam os sinais de uma grave polarização de opiniões, facilitada por toda a crise política e econômica dos anos anteriores. Este artigo não tem como objetivo apontar culpados ou enveredar na direção de um julgamento político, pelo contrário, pensamos em realizar um mergulho em direção às profundezas dos mecanismos mais básicos da psique humana que possibilitariam a criação e divisão dos discursos correntes em dois polos cada vez mais distantes entre si.

Antes de nosso primeiro mergulho, precisamos averiguar a superfície, ou seja, o que podemos enxergar de mais manifesto sobre este fenômeno sem precisarmos adentrar em um meio diferente do nosso usual.

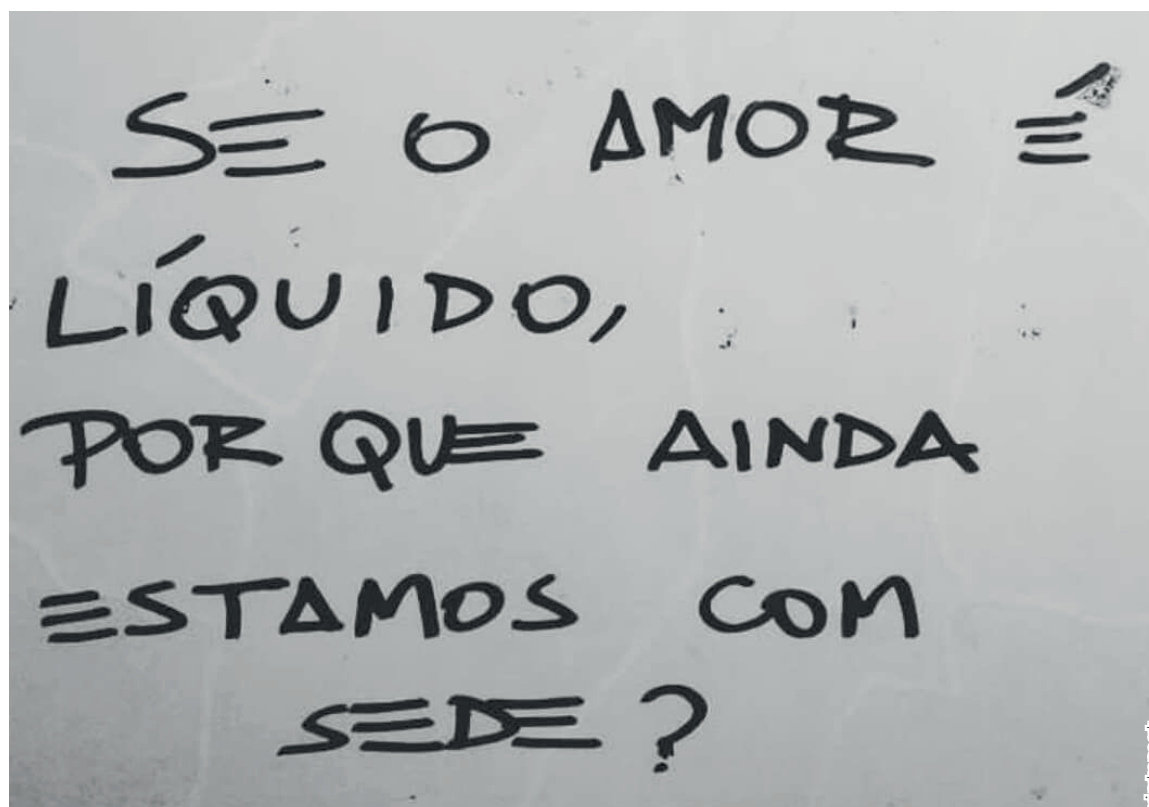
Por definição, a polarização é um conceito físico aplicado a ondas eletromagnéticas, mas com uso cada vez mais frequente no aspecto social e político. Neste sentido, se trata do direcionamento da atenção, ações e opiniões para lados opostos, em uma polarização como positivo x negativo, ou norte x sul ou direita x esquerda. De fácil utilização, esta manobra é eficaz, tendo em vista que não é de hoje a tendência humana de criar lados – polos – a serem vistos como opostos, visões de mundo ou de moralidade a serem combatidas, dogmas a serem eliminados por sua diferença daqueles aceitos por um grupo dominante. De novo, isto tudo não tem nada...

Mas, os tempos passam e a tecnologia sim, inova a cada dia. Vista como o ferramental que atravessa a experiência humana, ela tem sido, cada vez mais, aplicada ao comportamento. Área onde evoluiu, indubitavelmente, tanto em alcance (internet e redes sociais) quanto em profundidade de atuação (o maior entendimento da mente humana aplicado ao Marketing). Neste sentido, sua atuação fica ainda mais pungente quanto mais alinhada está com elementos estruturantes de nosso psiquismo, ou seja, com processos que são parte de nosso funcionamento normal, necessários, mas que com o conhecimento certo (?) podem ser uma poderosa ferramenta de persuasão de indivíduos e massas.

Neste caso, o que está em jogo quando falamos em polarização do pensamento? Bem, para isto, precisamos começar – do começo – e nos prepararmos para o primeiro mergulho de averiguação das águas.

Um dos pais das Relações Públicas, e grande influência no Marketing, foi o Austríaco/Norte Americano Edward Bernays que, não por coincidência, era sobrinho de Freud. Não coincidência porque as práticas de Bernays utilizavam o entendimento do psíquico para o avesso da ética psicanalítica, ou seja, utiliza o entendimento de estruturas básicas do funcionamento mental para a manipulação e direcionamento da opinião pública.

Bernays, descobriu o quanto informações direcionadas poderiam influenciar o comportamento das pessoas, assim como seus medos e desejos podem ser aliados do mercado quando utilizados para



mudar a relação de consumo: da necessidade para a compra pelo simples desejo. Sim, embora pouco conhecido, ele foi um dos precursores desta mudança nos padrões de consumo, gerando o que hoje chamamos de consumismo, para resolver impasses econômicos das aceleradas indústrias da década de 1920 (Curtis, 2002).

É com estes princípios que Bernays cria o que seria chamado de “engenharia do consentimento” (Engineering of Consent), conjunto de técnicas que se baseava no entendimento da Psicologia e Ciências Sociais para direcionar a opinião pública a apoiar ideias ou programas, sejam eles para vendas de produtos, ou conceitos políticos e estatais.

Mas, isto é apenas para ilustrar como este desconhecido pai do Marketing era habilidoso em seu labor pois, o grande salto que importa para nosso mergulho, está na aliança de sua engenharia do consentimento com as ideias do pensador político W. Lippmann. Este, entendia que havia uma necessidade das massas – formadas por indivíduos não confiáveis – serem direcionadas por uma elite de pensadores que seriam, estes sim, confiáveis para gerir um país de forma “democrática”.

O que escapa ao mergulhador menos atento e ainda impressionado com a mudança de profundidade, é o fato de isto ser exatamente uma subversão da própria democracia. Pois, se esta é exatamente uma forma de governar representando a vontade do povo, alterando as relações de poder historicamente estabelecidas, sua visão oposta seria novamente

voltar a um sistema no qual a vontade do povo é governada, novamente, por poucos. Mais uma vez, nenhuma novidade aqui, governos autocráticos são algo tão antigo quanto a organização dos homens em grupos identitários, mas a grande divertida – no sentido militar de divertir: uma movimentação criada para gerar distração – está no uso do conceito de democracia para manter os indivíduos dóceis enquanto vivem sob uma pseudoliberalidade: Aliado e impossibilitado de questionar as relações de poder. Um outro avesso, mas desta vez da democracia.

Certamente que uma postura tal como a do paranoico que está sempre sendo perseguido por uma conspiração não é o objetivo aqui. Antes disso, a proposta é utilizar a engenharia reversa para entender como a polarização está impedindo toda uma nação de pensar coletivamente e avançar.

Para isto, precisamos entender, da mesma forma habilidosa que as agências de marketing político o fizeram, quais os mecanismos básicos envolvidos. Conhecer o que nos influencia é um passo a mais em direção à liberdade e ao conhecimento, necessários para voltarmos a pensar de forma autônoma.

Agora sim, é necessário fôlego para começarmos a investigar águas mais profundas.

Em seu livro “Estranhos à nossa Porta” o Sociólogo Zygmunt Baumann discorre sobre os movimentos migratórios em nosso mundo globalizado, identificando na figura do imigrante indesejado, visto pelos habitantes locais dos países de primeiro

**Daniel R. Branco**

Psicólogo (CRP 161/36). Especialista em Psicanálise de Freud a Lacan (Faculdades Pitágoras). Mestre em Psicologia - Epistemologia e Práxis em Psicologia (UEM-PR).

mundo como um invasor, como o elemento “estranho” para o qual se direcionam todo um conjunto de medos e inseguranças, externalizados em forma de aversão e agressividade. Esta separação propicia a criação de políticas de separação mútua e distanciamento, “com a construção de muros em vez de pontes” (Bauman, 2017).

A facilidade com que este discurso de ódio aos indesejáveis faz eco, independe do grau de instrução dos envolvidos, pois depende, segundo o autor, do grau de autoalienação que se encontram. Neste caso, a insegurança está mais relacionada à instabilidade e incertezas criadas por seu próprio modo de vida, sua condição no mundo atual, do que propriamente pela invasão de imigrantes. Mas, neste turbilhão, o indivíduo acaba sendo pego pelo discurso mais fácil de encarar, tendo em vista ser mais fácil projetar a causa do próprio sofrimento no outro, do que se responsabilizar e contextualizar sua própria condição (Bauman, 2017). Ou seja, ignorar as contingências para seguir uma reação de medo e insegurança, direcionados muitas vezes por discursos políticos que se beneficiam desta posição de separação, ou seja, reforçam sua posição com esta polarização.

Mergulhando um pouco mais nas motivações da polarização, podemos observar a própria tendência a manter reprimidas pressões internas que possam causar conflito ao Ego, projetando seu ódio a um equivalente externo.

Em 1919, Freud escreve *O Estranho* (Freud, 1919/2010) – no original das *Unheimliche* – texto no qual define o inquietante, o estranho, como “aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (Freud, 1919/2010, p. 331), para depois analisar com maior profundidade suas características. Ou seja, o inquietante, aquilo que nos causa estranhamento assim o é, exatamente por ter sempre algo de muito familiar.

Utilizando-se, neste trabalho, de uma obra da literatura de Hoffmann intitulada “O Homem da Areia” Freud aponta diversos temas neste conto que são causadores do estranhamento caracterís-

tico daquilo que é inquietante/estranho, mas que em sua análise demonstra as raízes comuns a este sentimento de estranhamento com a angústia do complexo infantil de castração, as reminiscências do narcisismo primário e secundário, ao recuo a fases da evolução em que o Eu não se encontrava nitidamente delimitado em relação ao mundo externo e, finalmente, aquilo que Freud chama de retorno do mesmo, que seria uma repetição não intencional em série (Freud, 1919/2010).

É interessante pensar que é em algumas produções culturais que desejos proibidos poderiam ser atuados simbolicamente ou, no mínimo, de forma mais branda para o indivíduo. Mas aqui, o que nos interessa, é o uso instrumental destes conteúdos reprimidos direcionados a um outro, externo, como por exemplo, o homofóbico que está, na verdade, tendo grandes dificuldades de lidar com seus próprios desejos sexuais conflitantes, mas precisa – para se defender destes próprios desejos – direcionar seu ódio para o mundo externo, para outros que representam seu próprio conflito interno.

Novamente para entender o que está na base deste processo, precisamos dar um último mergulho aproveitando o fôlego que ainda resta ao leitor.

Utilizando a expressão grega *Kakon* para se referir a um “inimigo interior”, Lacan salienta que há na própria constituição do sujeito uma “fatia” indesejada que precisa ser colocada em um local fora da própria consciência, sem acesso ao Ego, por conta da agressividade que pode gerar, sendo assim mantida inconsciente (Lacan, 1998). Este objeto “mau” constitutivo é segregado no interior do próprio psiquismo, o que não o impede de ter efeito sobre o sujeito, efeito este que pode ser visto, à semelhança do que fala Freud em *O Estranho*, quando o sujeito ataca com sua agressividade no outro aquilo que é seu: Embora inconsciente, extremamente íntimo.

Certo, podemos voltar novamente à superfície para tomar fôlego e enlaçarmos o que foi visto em termos de constituição do próprio sujeito (Freud e Lacan), ou mecanismos de defesa externalizados (Bauman), com a polarização enquanto formação discursiva.

Se pensarmos em termos de Psicologia do Indi-

víduo podendo ser extrapolada para a Psicologia de grupos, este movimento de “jogar para fora” o objeto de desagrado interno deve ser visto como uma defesa para manter a estabilidade do Ego. Da mesma forma, um grupo, ao apontar no outro lado aquilo que há de mau, ignorando suas mazelas interiores, torna-se um grupo mais coeso. Não é coincidência Freud ter indicado, em *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, que eleger um inimigo externo é uma estratégia extremamente eficiente e muito usada para unificar um grupo, criando assim uma identidade mais coesa e melhor obediência por parte de seus membros.

Isto se parece com algo que estamos observando em nosso cenário político da atualidade brasileira? Acreditamos que sim! Quanto mais polarizado os discursos se encontram, ambos os lados se beneficiam de uma unidade por parte de seus integrantes, menos questionados são e mais forte se transformam a promessas de que se o “inimigo” for derrubado, tudo irá prosperar. O que fica alienado deste raciocínio é exatamente a possibilidade de uma dialetização do discurso, de modo a construir uma solução coletiva aos modos de uma verdadeira democracia. Ora, isto fica absolutamente vedado, pois podemos aqui dizer que a polarização mata o coletivo ao jogar para fora (para o outro lado) aquilo que o grupo (e o indivíduo) não quer ver em si, tornando tudo o que o outro produz um objeto mau, que deve ser ignorado, odiado e extirpado...

Sim, a polarização destrói a possibilidade da solidariedade entre os seres humanos, e o remédio para esta armadilha não é de simples aplicação. Sua aplicação não é simples pois demanda que, ao invés de procurar fora aquilo que odeia, como é a tendência natural que demonstramos, pelo contrário, precisa realizar a difícil – mas não impossível – tarefa de olhar para si e reconhecer o que vai mal, o que precisa ser mudado para, aí sim, possibilitar que o diálogo entre os polos possa gerar um novo discurso, um novo movimento que seja, este sim, no lugar da separação improdutiva, dê a gênese à integração criadora. ■



Cícero Félix

PSICÓLOGO
CRP 08/24633

Cícero Marcelo Félix Junior
44 99901-0668
ciceroelixpsi@gmail.com

Gabriela Cristófoli Pereira
CRP 08/26144

44. 99949 4161
psicogabrielacp
psicogabrielacp
gabrielacp.psi@gmail.com

Em terra de likes, Narciso é rei



Cícero Marcelo Félix Junior

Psicólogo Clínico (CRP 08/24633), Membro da Comissão de Direitos Humanos do CRP/08 e Membro do Instituto Psicologia em Foco.

*“Quando eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho”
(Sampa, de Caetano Veloso, 1978)*

Qual a possível relação do mito de Narciso com as nossas vidas nos dias atuais? Em linhas gerais, o conceito do mito de Narciso na contemporaneidade torna-se perceptível para além de construções teórico-metodológicas e deflagra que seu principal tema, a vaidade, nunca esteve tão presente. Em um cotidiano em que a hiperexposição e demasiada busca por atenção, transposta numa disputa incessante pela conquista de likes e status na rede, caracterizam muito bem uma atualização do mito de Narciso, em seu aspecto primordial: a vaidade.

Retomemos o mito: Narciso, na mitologia grega, é filho da união do deus do rio Cefiso com uma ninfa, Liríope. O jovem fora agraciado com uma beleza incomum, e, segundo o oráculo Tirésias consultado por seus pais na ocasião de seu nascimento, Narciso teria uma longa vida, sempre muito atraente, com uma única ressalva: não deveria ver seu próprio rosto, pois ao conhecer tamanha beleza, este seria amaldiçoado.

Reza o conto que Narciso era tomado pelo apaixonamento que sua estonteante beleza despertava nas pessoas, tornando-se arrogante e orgulhoso. Certa vez, dentre os enamorados estava uma ninfa, Eco, que se encantou pelo belo rapaz e, assim como tantas outras vezes, desprezou a ninfa apaixonada. Assolada pelo descaso e indiferença por seu amor, Eco se isolou em um distante lugar deserto e, amargurada, definiu, restando apenas gemidos e lamentação.

Os seres apaixonados (e desprezados) por Narciso se apiedaram da pobre Eco e pediram vingança aos deuses. Nêmesis, deusa da vingança e da ética, atendeu aos pedidos e induziu Narciso após uma caçada em um dia quente a debruçar-se diante de uma fresca fonte de água cristalina para se refrescar, e, em um breve momento de descuido, viu refletida na água, sua imagem. Apaixonou-se e em uma eterna contemplação de si, imobilizou-se, até definir e morrer.

Uma interessante ilustração do conteúdo do mito é o romance do período gótico de Oscar Wilde, “O Retrato de Dorian Gray”, escrito em 1890, que acompanha a vida do belo jovem Dorian e do aristocrata Lord Harry que em conjunto com um famoso artista da época, (Basil Haward) se vê na necessidade de se reinventar. Este pinta o famoso retrato, que viria a sofrer os impactos físicos do

tempo e das ações de Dorian ao invés do próprio. A obra é pautada na ideia máxima de que “a beleza e a satisfação sensual são as únicas coisas que valem a pena perseguir na vida” e levam o protagonista à uma jornada libidínica e de atitudes imorais, que ao longo dos anos o fazem deparar com a falta de humanidade e horripilante corrupção de si mesmo, exposta na imagem do retrato. Ao se deparar com a solidão resultante neste percurso, resolve pôr um fim à sua juventude imortal ao destruir a horripilante figura que vê refletida no retrato.

Na Psicologia, o conhecido mito toma maiores nuances e acaba sendo reconhecido a partir da construção do conceito de Narcisismo proposta por Freud em seu texto de 1914, intitulado “Sobre narcisismo: uma introdução”, no qual utiliza-se do termo para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado. Ele diferencia o narcisismo em primário e secundário. Sendo o primeiro aquele estado precoce em que a criança investe toda sua libido em si mesma; e segundo trata-se de, após este narcisismo ter sido dirigido/projetado para o exterior, para um objeto, o indivíduo volta a direcionar tal afeto a si.

Além da mitologia, literatura e a proposição freudiana, podemos retomar o conceito de vaidade fortemente presente no mito por outros olhares. Veja só, no viés histórico, pela ótica do cristianismo, vaidade é considerado o primeiro pecado, ou seja, o pecado de Lúcifer. A igreja medieval advertia: “há um demônio em cada espelho”. Espelho esse que é definido como elemento básico da vaidade, cujo cerne consiste na característica do reflexo de si mesmo.

Uma transposição da temática para os dias de hoje se faz possível. Quantos já se utilizaram (ou utilizam, sempre ou diariamente) de selfies ou da exposição possibilitada por meio das mídias e redes sociais para obter o olhar, atenção e a confirmação do outro acerca de algo que é, ou que deveria ser, antes de mais nada, reconhecido por nós mesmos?

Cada dia mais somos inundados por informações e detalhes do cotidiano alheio –algumas até mesmo em um verdadeiro passo a passo, 24 horas por dia – por meio das redes e a sensação que permanece é a de que precisamos cada vez mais desse reconhecimento alheio: de que o outro diga quem sou eu, o que tenho que fazer, o que deveria ou não sentir, como sentir.

É claro que algo próprio e pessoal, os afetos, se dão por meio da relação de troca com o outro e com o meio, e reconhecê-los como nosso, como meu, não é uma tarefa fácil. Porém, nessa dinâmica atual eles passam a depender intrinsecamente desta con-

firmação externa, pois é construída uma lógica em que eu mesmo já não tenho certeza de mais nada, nem mesmo de quem sou.

É a rede quem manda, o perfil mais descolado, aquele que faz viagens com maior frequência e nos deixa acessar os detalhes disso tudo: dos pratos servidos do café da manhã aos drinks do rolê da noite, passando pelas lojas e grifes que ditam a tendência. Neste ensejo nos deparamos com um questionamento: Qual o espaço para o conhecimento e consciência do que é meu, pessoal em uma realidade em que o que é publicado funciona quase como lei, como regra? Em uma realidade de vaidades exacerbadas, padrões construídos e direções estabelecidas a se seguir, parecemos padecer de algo como uma cegueira pessoal.

Cabe aqui ressaltar o conceito de Individuação, que na concepção de C. G. Jung é compreendido como o processo em que a Consciência de um ser humano se individualiza ou se diferencia das outras. Processo este pelo qual o sujeito se transforma em uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade. Este, possibilitado apenas por meio conhecimento de si e do outro.

Assim, retomo Caetano neste ponto. Na canção Sampa, escrita por ele em 1978, em ocasião do aniversário da cidade de São Paulo, o cantor e compositor ressaltava o aspecto narcísico em questão no trecho “quando te encarei frente a frente e não vi o meu rosto, chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto. É que Narciso acha feio, o que não é espelho”. O faço para ressaltar uma importante questão: o quanto têm-se exigido de si próprio, muitas vezes de maneira agressiva, para que a vida real tenha a todo e qualquer custo a moldura e as nuances do retrato pintado pelo coletivo social exposto diariamente nas redes? Pensar o quanto isso tem custado, pessoal e coletivamente em diversos aspectos na vida das pessoas é algo que urge em necessidade.

E o que resta perante o esvaziamento de sentido que se faz presente nesse cotidiano globalizado em que as fronteiras parecem já não existir mais, no qual nunca se fez tanto, se viajou tanto, se comeu tantas coisas diferentes em pratos com apresentações garbosas bem apresentadas em retratos na rede e, principalmente, o item centralizado nas fotos frente a monumentos, paisagens, shows, festas entre tantas outras: si mesmo, o selfie?

Fica o questionamento, acompanhado de uma importante ressalva chancelada pelo dito de Jung “Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta”. ■

LITERATURA

Marquês de Sade e Sacher-Masoch: Uma literatura pornológica



Lucas Rodrigues da Fonseca Lopes
Graduado em Filosofia e Mestrando em Filosofia na área de Fenomenologia e Estética (UEM). Integrante do grupo de ensino "Filosofia e Literatura" do Departamento de Filosofia da UEM.



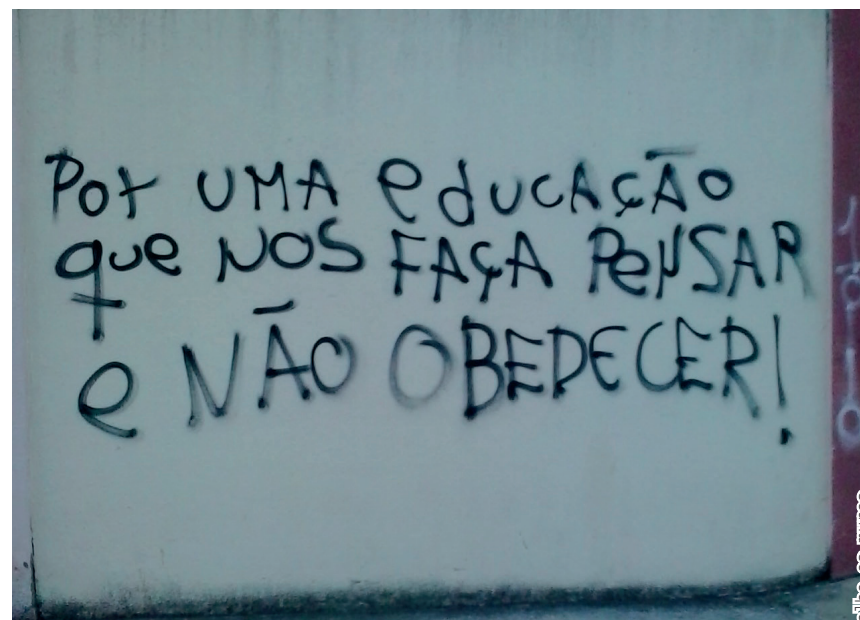
Donatien Alphonse-Françoise, o marquês de Sade (1740 – 1814) e Leopold Von Sacher-Masoch (1836 – 1895): o que esses escritores têm em comum? Ambos são literatos que devido suas produções tiveram seus nomes associados a determinados tipos de comportamentos, resultando em conceitos que entrariam para o vocabulário médico, psicanalítico e leigo, sendo o sadismo e o masoquismo. Entretanto, ao longo do tempo, esses termos acabaram sendo carregados como uma degradação, indicando comportamentos de perversidade moral e sexual. Consequentemente, suas obras acabaram sendo associadas também a tais características. Contudo, é um erro considerar apenas essa visão negativa que foi sustentada, reduzindo-as em uma simples pornografia. “Chama-se literatura pornográfica uma literatura reduzida a algumas palavras de ordem (faça isso, aquilo...), seguidas de descrições obscenas. Violência e erotismo aí se encontram, mas de maneira rudimentar” (DELEUZE, 1983 p. 20). Em ambos autores as palavras de ordem e as descrições marcam presença, sejam elas proferidas pelo libertino cruel ou pela mulher despótica, a linguagem ganha o seu valor agindo diretamente sobre a sensualidade. No limite da linguagem há um ponto de encontro entre a violência e a sexualidade. Um primeiro olhar sobre essa relação talvez cause estranhamento, porém, esses dois termos estão intimamente

ligados. “Essencialmente, o domínio do erotismo é o domínio da violência, da violação” (BATAILLE, 2017, p. 40). Sade faz com que o poder da palavra aflore através do contexto de narração em suas obras, por intermédio dos comandos as palavras ganham força permitindo que os corpos realizem uma repetição. “[...] as sensações comunicadas pelo órgão da audição são as que mais agradam cujas impressões são mais vivas” (DELEUZE, 1983, p. 20). Seu objetivo é mostrar que o raciocínio é violento com todo seu rigor, serenidade e calma. Em Sacher-Masoch as palavras de ordem e descrições também adquirem um sentido de mais alta linguagem na relação violência e erotismo. Todavia, ele se diferencia de Sade construindo um ambiente de persuasão na qual o suspense dialoga com a imaginação, criando por meio de sua frieza um suspense estético. Se em Sade temos uma razão demonstrativa que permeia suas obras, em Masoch existe uma imaginação dialética, uma ascensão do corpo às ideias. “No entanto, se a obra de Sade e a de Masoch não podem passar por pornográficas, se merecem um mais alto nome como o de “pornologia”, é porque, em ambas, a linguagem erótica não se deixa reduzir às funções elementares de comando e de descrição” (Idem, p. 20). Além do mais, “não é nossa linguagem que foi, após dois séculos, erotizada: é nossa sexualidade que, depois de Sade e da morte de Deus, foi absorvida no universo da linguagem” (FOUCAULT, 2009, p. 45). ■

Rolling Stones canta Mestre e Margarida



Alessandro Rodrigo de Matos Miranda
Advogado inscrito na OAB/PR (n. 47.743). Especialista em direito “latu sensu” (EMAP) e em Direito Tributário (Instituto Luiz Flavio Gomez).



Uma visita do diabo. Uma bruxa nua. Um gato bípede e tagarela. Um baile satânico. A culpa de Pôncio Pilatos e seu amado cachorro Banga. Todas essas citações são passagens do romance Mestre e Margarida, escrito por Mikhail Bulgakov. O livro é popular, influenciou Mick Jagger que compôs Sympathy for the Devil e que com uma visita dos Rolling Stones à Bahia adicionou sons de tambores à canção. O livro do russo ainda incutiu ideias na banda Pearl Jam com a música Pilate, e em Franz Ferdinand com Love and Destroy, entre outros.

A história já foi adaptada para 13 produções, entre elas: televisão, cinema e teatro, e está na lista dos 100 livros do século, segundo a revista francesa Le Monde. A ideia inicial já causa algum espanto, até desconforto em alguns: uma visita do diabo! Vá lá que ele se apresente como um homem próspero e requintado, mas é o próprio Lúcifer! Ocorre que há tempos ele tem as credenciais necessárias para o sucesso e o livro explora o tema de forma satírica. Os Stones, por sua vez, não desafinam ao tratarem da questão de forma menos lírica, mais rock. Cantam que ele, o diabo, estava lá quando Anastásia gritou em vão, quando os corpos federam, quando lutaram pelos Deuses que criaram, quando mataram os Kennedys... E a banda esclarece pela voz de Jagger levada pelos tambores: no final das contas, fui eu e você.

O romance trata do bem e do mal, do

racional e do irracional e da realidade versus a responsabilidade do Estado que nega a verdade e ainda, da liberdade em um mundo que aprisiona. Complexo! Bulgakov simplifica: utiliza figuras bizarras como bruxa, porco voador, gato que anda e fala e o próprio Diabo. Este camarada carismático, não faz oposição direta a Deus, apenas é o designado para punir a mesquinhez e especialmente a covardia.

Na música de Ferdinand, Margarida ama e destrói. Mais uma vez uma personagem, a bruxa, para demonstrar o bem e o mal, o racional e o irracional dentro de um mesmo invólucro, de um mesmo personagem, de um único corpo. Ocorre que se não nos acovardarmos atrás de personagens, no final das contas fui eu e você. Essa ideia de utilizar personagens e criar mitos para explicar os sentimentos humanos é antiga. E porquê? Bulgakov, Stones, Pearl Jam, Ferdinand têm essa teoria: talvez pela covardia de assumir que todo policial é um criminoso, que todo santo é um pecador e que toda cara tem sua coroa... Se não for isso é porque mitos são reais e então, ao encontrar uma trupe com uma bruxa nua, um gato bípede e outros seres estranhos, tenha alguma cortesia, simpatia e bom gosto, use sua polidez bem aprendida e divirta-se. ■

LITERATURA

O amor, a efemeridade da vida e o fim: provocações a partir de Hilda Hilst

*“Convém amar
O amor e a rosa
E a mim que sou
Moça e formosa
Aos vossos olhos
E poderosa
Porque vos amo
Mais do que a mim.*

Que a nossa vida é efêmera todo mundo já sabe. Ai, você não sabia? Desculpe o soco no meio do estômago logo cedo, sem aviso, mas agora que você já sabe vamos partir daqui. Respira e vem comigo!

Deitado em minha cama lendo um poema da escritora Hilda Hilst que transcrevi para o texto, aqui dividido em quatro partes, me peguei pensando o quanto a gente evita e até boicota, em vários momentos da nossa vida, permitir nossa própria felicidade. O motivo? Não vou generalizar porque cada um sabe o que lhe paralisa e qual é a pedra do seu sapato, mas vejo e ouço, por exemplo, muitas pessoas evitando se permitir amar o outro pelo medo de vir a sofrer.

*Convém amar
Ainda que seja
Por um momento:
Brisa Leve a
Princípio e seu
Breve momento
Também é jeito
De ser, do tempo.”*

Colin Murray Parkes, renomado psiquiatra britânico e autor pioneiro de inúmeros trabalhos sobre vínculos e perdas, nos diz que o preço que pagamos pelo amor é o luto. O que ele quer dizer com isso é que inevitavelmente iremos perder, em algum momento da vida, aquilo que amamos. Por quê? Eu respondo: porque um dia as coisas se findam e as pessoas morrem. Ai, mais um soco sem aviso no estômago? Desculpe-me outra vez, porém não desista do texto, prometo que serei mais suave a partir daqui.

*“Porque ai senhor
A vida é pouca:
Um bater de asa
Um só caminho
Da minha à vossa
Casa...”*

Perder alguém que amamos não é tarefa fácil. O luto demanda forte carga de energia emocional, dói, machuca, sufoca, mas ele é fato inevitável da nossa vida e não podemos tapar nossos olhos e fingir que finais não existem. O processo de luto é um período de construção de significado, de refletir sobre a relação e sobre o que se perdeu e buscar, a partir daí, um ponto de partida para recomeçar. Abrir mão do amor pelo medo de vivenciar o luto é abrir mão de construir vínculos e receber afeto do outro.

Freud, no belíssimo texto Sobre a Transitoriedade de 1915, nos diz que é inadmissível deixarmos de admirar a beleza das coisas ao nosso redor pelo simples fato de que futuramente ela deixará de existir. Ao contrário,



Jose Valdeci Grigoletto Netto

Psicólogo (CRP 08/24556) e especialista em Saúde Mental (Unicesumar). Poeta e pintor. Autor do livro Caminha com Teus Próprios Pés, que será lançado pela Editora Viseu.

Freud nos diz que é exatamente pelo fato de que a beleza é fadada à transitoriedade, ou seja, ao fim, que ela possui maior valor.

E assim é com nossa caminhada: quantas vezes você já pensou que havia perdido o grande amor da sua vida, mas algum tempo depois você descobriu que aquilo nem era amor? E as oportunidades que você julgava serem únicas? Quantas vezes você temeu ter perdido a melhor pessoa da sua vida e logo depois você encontrou alguém que você jamais imaginou conhecer? Importante deixar claro que nem por isso àquelas pessoas que já não fazem mais parte da sua vida não merecem importância: cada pessoa deixa uma marca na gente, escreve uma linha da nossa história e, como toda boa história, uma hora ela tem fim. E está tudo bem com isso.

E depois, nada.”

(Hilda Hilst – IV, Trovas de muito amor para um amado senhor)

E assim é, também, com nossas relações: uma hora elas terminam e tudo bem com isso. Não quero que este curto texto lhe pareça um recorte de um livro de autoajuda ou motivacional, mas meu objetivo com esses devaneios é que você busque se permitir viver na totalidade da palavra, ou seja, viver por inteiro e se permita construir relações de amor e afeto com outras pessoas. A vida é efêmera, rápida, passageira, mas nem por isso ela não deve ser gozada. Resgatando Freud, e aqui faço uso de sua ideia para dizer que é exatamente por isso que a vida possui tanta beleza – pelo seu valor de transitoriedade. ■

LITERATURA

Da Literatura para o videogame: A Divina Comédia no Inferno de Dante



Douglas de Campos Dantas

Graduado em Letras Português / Inglês (UEM). Professor, músico e atualmente aluno da pós-graduação em Literatura (UEM).

A Literatura vem ao longo dos séculos inspirando incontáveis produtos culturais e artísticos das mais diversas naturezas. Quadros, sinfonias, filmes, não raro são produzidos baseados em obras literárias. Nas últimas décadas, um novo nicho tem se desenvolvido, e assim como as grandes artes também tem se aproveitado das joias da literatura para construir seus objetos. Um bom exemplo desse panorama se demonstra no jogo Inferno de Dante (2010). Produzido pela Visceral e publicado pela gigante EA (Electronic Arts) utiliza-se do mesmo gênero que popularizou, entre outros nomes, a franquia God of War. Trata-se do Hack and Slash, caracterizado principalmente pela forma de combate visceral. O jogo apresenta uma original recriação do mundo dantesco no qual o antes poeta é agora um feroz guerreiro cruzado que desafia todo um exército de demônios através dos nove círculos do inferno, na tentativa desesperada de redimir a sua alma e a de sua amada Beatriz. Assim como no livro, Dante é guiado pelo virtuoso poeta romano Virgílio, que a cada nova ambientação informa o herói sobre a natureza dos pecados das almas ali presentes e dos inimigos que irá enfrentar.

O jogo articula diversos elementos cristãos, tais como sua simbologia e as doutrinas referentes ao pecado e ao inferno. Se faz necessário destacar que a personagem do jogo pouco tem a ver com o poeta italiano. O guerreiro Dante carre-

ga duas armas; a foice que tomou da Morte e uma cruz, encontrada junto ao cadáver de uma erotizada Beatriz. Com elas, o jogador enfrenta as hordas demoníacas, tendo em suas mãos o poder divino de absolver ou condenar. Na realização destas ações, o personagem se desenvolve e adquire pontos de experiência, melhorando seus atributos “profanos” e “sagrados”. Esta talvez seja a mecânica do jogo mais interessante de se analisar. Para que o desempenho do jogador evolua, se faz necessário o desenvolvimento de ambas características. Tendo em vista que a doutrina cristã se edifica fortemente na ideia do perdão, o jogador intermitentemente acaba se vendo forçado a negar essa ideia e condenar demônios e almas em seu caminho, visando liberar técnicas de combate mais fortes e eficientes, na mesma medida em que deve também absolver e capturar pecados com o objetivo de aumentar os poderes de sua cruz. Ao oferecer ao jogador as duas opções, o game o coloca em um dilema, até certa medida, religioso. O conflito entre a virtude cristã e a jogabilidade faz com que o jogador muitas vezes tenha que perdoar quando gostaria de punir, e condenar quando gostaria de absolver. Soma-se a isso o fato de que muitas dessas almas em questão são figuras históricas apresentadas no jogo por uma breve descrição dos pecados que lhes pesam. Assim a tensão se intensifica devido a possíveis identificações pessoais do jogador com as perso-

nagens. Afinal, você perdoaria ou condenaria Poncio Pilatus?

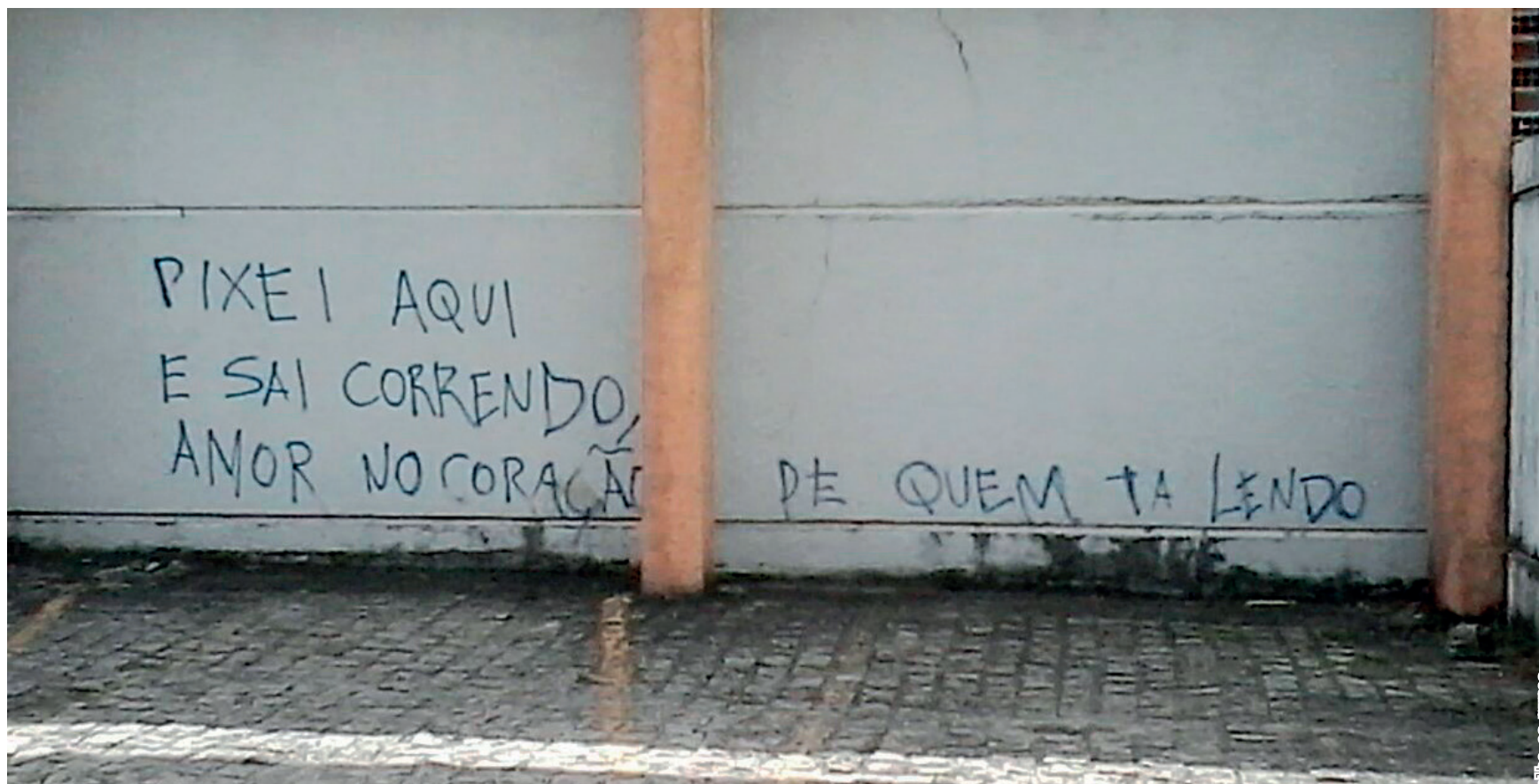
De fato, o jogo oferece material para diversas reflexões. Com um enredo original, a narrativa problematiza a fé cristã e apresenta os conflitos internos do protagonista, como a culpa por seus incontáveis pecados (assassinatos, adultério, entre outros) e sua relação problemática com seu pai e com a Igreja Católica. A ambientação do jogo faz jus ao conceito “dantesco”, em uma impressionante representação visual do inferno cristão. Definitivamente, Dante’s Inferno é um jogo para adultos. Leitores ou não da Divina Comédia, irão se deparar com cenas de teor sexual e violência extrema ao melhor estilo “gore”. A faixa etária recomendada é acima de 17 anos. Contudo, creio ser fácil imaginar que os mais jovens jogadores tenham acesso a jogos como esse. Especificamente no caso de Dante’s Inferno, cabe aos pensadores (e aqui abarco uma série de ofícios como docência, psicologia, pedagogia, entre outras) ponderar como as novas gerações recebem materiais que subvertem Canônes (literalmente) sagrados da religião, da mitologia e da literatura. Afinal sabemos que a indústria dos games já ultrapassou a indústria cinematográfica em termos de faturamento, o que nos leva a perceber o enorme impacto que estes (nem tão) novos produtos culturais exercem na formação cultural dos jogadores, especialmente dos mais jovens. ■

Qu'est-ce la littérature?



Najla Ferreira Martins

Graduada em Educação Física (UEM). Graduada em Psicologia (Unicesumar) e psicóloga clínica (CRP 08/24325).



Se procurarmos pelo conceito de literatura no dicionário encontraremos a seguinte definição: “conjunto das obras literárias de um país ou uma época; escritos narrativos, históricos, de eloquência, de fantasia, de poesia, etc”. Para Sartre – filósofo representante do existencialismo e escritor de diversos contos, peças de teatro, romances – a literatura deve ter um engajamento, sendo assim, deve retratar uma realidade concreta, situada historicamente e com função social.

A obra literária de Sartre possui relação direta com a filosofia existencialista e com os acontecimentos históricos de sua época, inclusive os vividos por ele, como o caso da Segunda Guerra Mundial. Para os leitores, estudiosos desse autor, suas obras literárias trazem uma exemplificação de sua filosofia, sendo possível observar diversos conceitos da mesma, como: “em-si”, “para-si”, liberdade, projeto, o “outro”, a existência como precedente da essência, dialética, entre outros.

Sartre traz a obra literária como uma relação dialética entre autor-leitor, aquele apela à liberdade deste para contribuir com a sua obra, de forma que ao escrever o autor fala de si, do mundo, de sua liberdade e o por consequente a do leitor, já que o existencialismo compreende o homem em relação com o mundo, em presença dele, frente a ele. Cabe ao leitor exercer sua liberdade de mudar tudo aquilo que deve ser mudado, resultando no engajamento (ação) literário.

Uma das peças teatrais mais conhecidas de Jean-Paul Sarte é a intitulada “Houis Clos”, em português

“Entre Quatro Paredes”. Esta foi escrita em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial e conta a história de três personagens que morreram e vão para o inferno: Inês, Estelle e Garcin. “Huis” (quarto) “Clos” (fechado) é o ambiente em que se passa a peça, um quarto de “hotel” no inferno, que não possui espelhos, onde a luz nunca se apaga, os olhos não se fecham (nem piscam) e a porta os mantém trancados.

Garcin, o primeiro a chegar ao inferno, é jornalista, Inês, a segunda, é funcionária dos correios, e Estella, a última a se reunir ao grupo, é uma mulher da alta classe. No desenvolver da história, os personagens indagam sobre a razão de estarem especificamente os três juntos naquele quarto e de terem ido parar no inferno, visto que todos cometeram algum crime.

O fato do ambiente não possuir espelhos impede que os personagens vejam a si próprios, restando a eles apenas o olhar do Outro como forma de se enxergar. Para Sartre, é através do olhar do Outro que o Eu toma consciência daquilo que é, do que representa para o outro/mundo, constituindo sua subjetividade, mas é também através deste que é objetificado. Garcin morreu como covarde para seus companheiros do jornal e Inês, no entanto, passou a vida tentando ser um herói. Inês é uma mulher homossexual que é acusada de ser a principal responsável pelo suicídio do marido de sua amante, e que não demonstra nenhuma compaixão pelos demais, pelo contrário, é manipuladora, vingativa e maldosa. Estelle é da alta sociedade, fútil, que

se casou por dinheiro, matou a própria filha, fruto de relacionamento extraconjugal, e tem por necessidade a confirmação de sua beleza.

Fica evidente a necessidade que cada personagem tem do Outro para obter qualquer verdade objetiva a respeito de si próprio, visto que o ser humano é incapaz de formular um juízo, sabê-lo de determinado modo (herói, covarde, vergonhoso, belo, feio, maldoso, generoso, etc), que não pelo autoconhecimento mediado por um Outro. Aquilo que se sabe sobre si provém do modo como o outro me vê. O conflito surge porque sendo esse Outro livre e não sendo Eu esse Outro, jamais terei consciência daquilo que ele pensa sobre Eu, não posso fazê-lo pensar de mim aquilo que quero, nem obrigá-lo a agir como desejo, nesse sentido o outro pode me validar como também desvalidar.

A mais famosa frase desta peça é dita por Garcin “Todos esses olhares que me comem! (...) Então, é isso que é o inferno! Nunca imaginei... Não se lembram O enxofre, a fogueira, a grelha... Que brincadeira! Nada de grelha. O inferno... O inferno são os outros!”. No início da peça, Inês e, posteriormente, Estelle chegam ao quarto procurando pelo carrasco, mas não o encontram. Ao dizer que o Inferno são os outros, Garcin traz a problemática relação Eu-Outro, o olhar como carrasco, olhar esse o qual os personagens estão sujeitos a todo tempo já que os olhos não se fecham, uma analogia a realidade concreta. ■

www.lindali.com.br | www.iciintercambio.com.br
facebook.com/lindaliviagenseturismo
facebook.com/intercambioICI

**FREUD PODE TE AJUDAR
EM MUITAS QUESTÕES.
MAS, PARA ACERTAR NA
ESCOLHA DO SEU PROGRAMA
DE INTERCÂMBIO, MELHOR
PROCURAR O ICI.**

Viva a experiência de estudar fora do país, conhecer
novas culturas e visitar lugares incríveis.
Vem pro ICI e conte com uma equipe especializada
para auxiliar você a acertar na escolha do seu
programa de intercâmbio.

Viva uma experiência ICI.

piratas



(44) 3305-3662

Av. Rio Branco, 155 - Zona 04 - Maringá - PR

(43) 3029-0203

Av. Ayrton Senna, 300 - Gleba Palhano - Londrina - PR

